

REVISTA MENSAL

RN ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XV • N.º 158 • OUTUBRO/84 • CR\$ 2.000,00

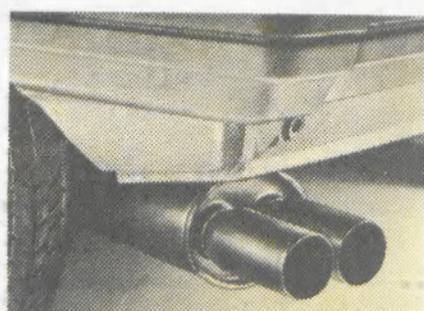
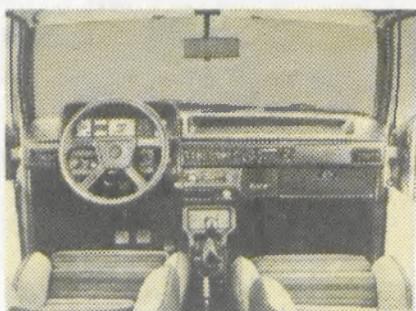


**O SALDO
DAS ALIANÇAS
NA POLÍTICA
ESTADUAL**

FLÁVIO NOVAES



GOL GT 1.8 - O ÚNICO CARRO EM QUE VOCE PODE SENTIR O DESEMPENHO A ZERO km/h.



O Gol GT 1.8 tem detalhes que você precisa conhecer, ao vivo. A começar pelo motor 1.8 a álcool ou a gasolina, o mais potente entre os carros da sua categoria. Ele chega aos 80 km/h em apenas 6,6* segundos, o que significa maior segurança nas ultrapassagens e muito mais potência para enfrentar as mais duras subidas. E não é só dirigindo que você sente todo esse desempenho. Porque o Gol GT foi inteiramente projetado para ser um carro realmente exclusivo. Ele tem rodas de liga leve com design diferenciado, um conjunto estilístico agressivo e harmonioso formado pela grade dianteira na

mesma cor do veículo, spoiler e faróis de milha incorporados ao pára-choque. Internamente, bancos esportivos muito mais confortáveis, relógio digital e muitos outros itens exclusivos que você precisa ver de perto. Venha conhecer e experimentar o Gol GT 1.8. Você vai descobrir que ele é o único que continua esportivo, mesmo depois que você dá a partida.



Distribuidores Autorizados

DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597



MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592

(*) Versão a álcool.

Alguns itens são opcionais. Consulte o seu Concessionário Volkswagen sobre as facilidades de financiamento, leasing ou arrendamento e consórcio

ÍNDICE

ESTADO

A Política das Alianças no RN	8
Telern conclui Plano de Expansão em dezembro	11
A receita de sucesso da música brega	16
Brega: um gosto popular	17
Pe. Cortez: conciliação entre Igreja e Política	21
Natal, uma cidade de poucas opções culturais "Série Conviver", sacudindo o marasmo	22
Discriminação e ociosidade na vida do idoso	23
Experiência: dois potiguares entre os índios	25
Centro de Toxicologia, um ilustre desconhecido	28
Projetos da Sudene diminuem ano a ano	30
Crise do cinema atinge cine-vídeos	31
Saída para bancários é unidade regional	33
Carro usado ainda é bom negócio	35
Um caso de carros velhos e ameaças	36
Natalense lê pouco e mal	37
	42

ARTIGOS

Cortez Pereira	14
Garibaldi Filho	20
Pedro Simões	27
Olga de Mattos	46

SEÇÕES

Homens & Empresas	4
Cartas & Opiniões	6
Cultura	38
Agenda do Empresário	45

HUMOR

Cláudio	40
---------------	----

FOTOGRAFIA

João Maria Alves

CAPA

Flávio Américo



A sucessão de incertezas

O Rio Grande do Norte tancredou. E agora? Essa é uma questão de múltiplas respostas. Tanto que a especulação em torno do comportamento dos políticos face à sucessão presidencial é uma constante na imprensa potiguar hoje. Os indícios são muitos, e de tal ordem contraditórios que os malufistas parecem estar em toda parte, enquanto que a fidelidade ao Governador José Agripino é reiterada aos quatro ventos. Diariamente, surgem fatos e suposições novas, e ora Aluizio Alves é jogado para escanteio, ora ele aparece com todos os trunfos na mão para dirigir os caminhos da política estadual. Que, a esta altura, está tão

conturbada quanto um ringue de luta-livre. Contudo, apesar dessa grande interrogação que representa o momento político, é possível uma ampla interpretação em cima das ocorrências — uma análise tanto aprofundada quanto as circunstâncias permitem. Essas as questões e possíveis respostas que a matéria da página 8 levanta. E, enquanto a disputa prossegue acirrada no cenário político, os cantores natalenses de maior sucesso — ou possibilidade de — prosseguem louvando o amor romântico, e curtindo as muitas dores-de-cotovelo da música brega. Com um considerável respaldo popular registrado a partir da página 16.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XV • N.º 158 • OUTUBRO/84 • CR\$ 2.000,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETORA DE REDAÇÃO: Josimey Costa

ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio/econômicos do Rio Grande do Norte. é de propriedade de RN/ECONÔMICO EM-

PRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 2.000,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 20.000,00. Preço do exemplar atrasado: Cr\$ 3.000,00. Consulta ao arquivo memória: Cr\$ 10.000,00. COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA

HOMENS & EMPRESAS

FORD MUDA EM CAICÓ — Sinval Moreira Dias Neto, da Norte Placa, acaba de assumir o controle da revenda Ford de Caicó. Sinval e Elias Fernandes, que é sócio da nova firma, esperam expandir as vendas na área de sua jurisdição, que abrange aproximadamente 40 municípios. A revenda de Caicó atenderá sua clientela na venda de veículos, peças e serviços de oficina.

★★★★★

MODANATAL É UMA BOA — É, sem dúvida, uma boa idéia. O público jovem encheu e movimentou a zona sul durante as quatro noites da promoção. De acordo com informações de alguns expositores, os negócios não corresponderam. Da próxima vez, é preciso planejar melhor e dar ênfase ao aspecto comercial da Modanatal. Mesmo assim e apesar das dificuldades locais, a idéia é válida.

★★★★★

ELDORADO EM CASA NOVA — O Consórcio Eldorado (grupo Jesse Freire) está agora na Av. Prudente de Moraes, 1108, em prédio próprio. As suas instalações hoje são realmente bem melhores do que as da Hermes da Fonseca. É melhor, também, a localização e a disponibilidade de uma boa área de estacionamento.

★★★★★

**NATAL/SUL EM NO-
VEMBRO** — Por todo o mês de novembro será



Sinval Dias Neto

inaugurado o Shopping Center Natal/Sul, na Av. Prudente de Moraes esquina com a Nascimento de Castro. Ao todo são 72 lojas de bom acabamento e boa área para boutiques, calçados e demais artigos da moda. As vendas estão sendo comercializadas pelas firmas Patrimônio Imobiliário e Imobiliária Santos. Mais de 80% das lojas já foram vendidos, segundo informações do empresário Marcos Santos.

NATALENSE PROMOVE NATAL — Em recente estudo da Embratur que identifica os canais estimuladores do turismo interno, no caso particular de nossa cidade, o trabalho revela que quem mais promove o turismo para Natal é o natalense, com o índice percentual de 4,6%, enquanto os demais índices estão bem abaixo.

★★★★★

**POUPAR PARA VIA-
JAR** — O plano conjun-

to APERN/SOLIS vem ao encontro dos anseios e das dificuldades da classe média — ter dinheiro para fazer um dia a viagem de seus sonhos. O interessado começa poupando, ganhando os rendimentos, por um prazo razoável até que chega a hora da viagem. Mas, se não quiser viajar, o capital está de pé para investir num outro sonho.

★★★★★

RN/ECONÔMICO



Shopping Center Natal/Sul

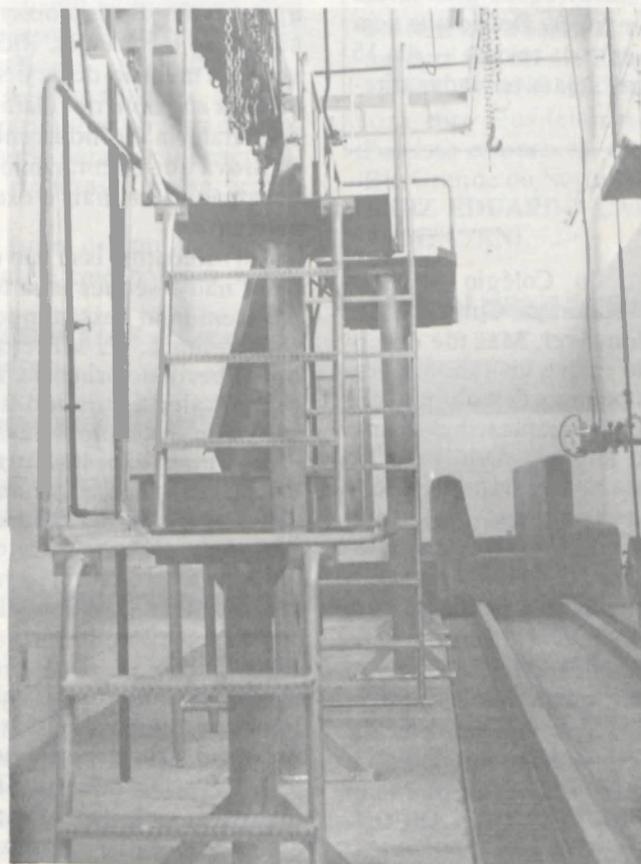
ESPECIAL — A edição de aniversário — 15 anos — da revista **RN/ECONÔMICO** será lançada no dia 30 de novembro no Centro de Convenções. Junto com a edição especial circulará o livro **Anais do RN** — série artigos, enfeixando a colaboração de Cortez Pereira, Garibaldi Alves Filho, Raimundo Soares, Manoel Barbosa e Ney Lopes de Souza.

★ ★ ★ ★ ★

MANGA SEM CAROÇO — O que se está fazendo na MAISA, em Mossoró, é grandioso e empolgante. A visão das culturas de melão, maracujá, abobrinha, melancia, sem falar de 1 milhão e 300 mil pés de caju quase todos já frutificando, acaba com o pessimismo de qualquer descrente no futuro do Nordeste. Mas, o que mais chama a atenção são os experimentos de novas alternativas agrícolas dentro do projeto. Aquilo funciona como um laboratório de avançada tecnologia agrônômica a cargo de jovens cientistas brasileiros e nordestinos. É contagiante o entusiasmo de Múcio Sá, da vanguarda de jovens empresários do grupo, quando fala das conquistas que a cada passo eles conseguem na trilha do trabalho pioneiro que realizam nas terras da Chapada do Apodí. De tudo, porém, ficou o espanto com a notícia de que há um experimento de mangas sem caroço e sem fibra, de sementes importadas. O que se sabe é que os resultados até agora alcan-



MAISA: cultura de maracujá



Abatedouro Industrial de Mossoró

çados são plenamente satisfatórios.

★ ★ ★ ★ ★

A VOLTA DE CLEONÍCIO — Foi o primeiro gerente do Banorte, em Natal, nos idos de 1962. Inteligente, sociável, Cleonício Holanda soube

promover a primeira agência local de sua empresa, assim como fez grandes amigos que estão felizes com a sua volta. Agora, plenamente vitorioso na sua carreira de banqueiro, Cleonício vem chefiar regionalmente as agências do Banorte nas áreas da Pa-

raíba e Rio Grande do Norte, com sede em Natal.

★ ★ ★ ★ ★

MOSSORÓ ESTÁ NA FRENTE — O abatedouro e frigorífico industrial, que o Prefeito Dix-huit Rosado acaba de implantar naquela cidade, é obra de alcance social, de indiscutível repercussão no futuro da grande cidade do Oeste potiguar. As máquinas, equipamentos e acessórios adquiridos à Braxinox compõem o mais moderno complexo industrial no gênero em todo o Nordeste, e já está sendo testado em fase experimental, com absoluto sucesso. Na próxima edição desta revista daremos uma matéria especial sobre a administração Dix-huit Rosado.

★ ★ ★ ★ ★

ERRAR É HUMANO — É o que ensina a sabedoria popular. Assumir o erro é o certo, mesmo que ele em nada altere o essencial. Aceitar a crítica, até quando ela vem cheia de erros maiores, trazendo em seu bojo muito de felonias e de maldades. Agora, uma advertência: querer enganar a humanidade a vida inteira na base do falso testemunho e da chantagem, como fazem certos caburés da vida, não é possível. Esse jornalismo derrubador, que só vê o lado ruim da vida, é o apelo dos desesperados. E por último, convém lembrar que para conter a sanha dos infratores há leis neste País e juizes nos tribunais.

Correções

Na **RN/ECONÔMICO** de setembro passado, ocorreram as seguintes omissões, aqui corrigidas: a série de reportagens sobre Mossoró, reunida sob a retranca «Oeste», é da repórter Cione Cruz; a matéria intitulada «**A Roberta Close de Natal afirma: "Não sou caricata"**», é da autoria do repórter Paulo Augusto; e a segunda foto da mesma matéria é do fotógrafo Roberto Duarte.

RN/ECONÔMICO faz, também, um registro inadiável: reconhecemos que omissões e equívocos — involuntários — por vezes ocorrem em nossas matérias. Como, de resto, acontece com as melhores publicações de circulação mundial. Cientes dessa realidade, insistimos no fato de que esta seção permanece aberta a quaisquer retificações por cartas que os nossos leitores queiram fazer. Desde que seja observado o prazo de fechamento da revista — dia 15 de cada mês — e que as cartas sejam enviadas diretamente à nossa redação.

Chá com decepção

Sr. Diretor,

Recentemente, os alunos do Colégio Winston Churchill promoveram uma «Semana de Cultura». Até aí, tudo bem: uma iniciativa louvável. Mas me decepcionei com uma coisa: quando estive visitando a promoção, em meio a excelentes poemas dos alunos, afixados num mural sem maiores destaques, havia uma barraca chamada «Chá do Tio Romão». Ora, esse Tio Romão foi personagem de uma novelazinha da Globo e, como todo mundo sabe, não tem nada — ou muito pouco — a ver com a cultura potiguar. Antes tivessem colocado uma barraca «Chá do Poeta Carlos Gurgel», ou então do poeta José Bezerra Gomes. Teria muito mais a ver. A Globo é indústria cultural e seus produtos pouco ou nada têm a ver com a nossa realidade cultural. O que diabo andam ensinando os professores de literatura do Churchill? Será que nem eles conhecem os poetas locais, ou os nacionais, municipais e federais? Vou tirar ouro do nariz para ver se pinta um debatezinho sobre o assunto. — **LUÍS DE VASCONCELOS** — NATAL/RN.

Falando de mulher

Sr. Redator,

Não, eu não venho aqui falar de notícias. Nem de escândalos ou amenidades. Venho falar de mulher. Não com os arroubos femininos, ou com o conformismo de nossas mães e avós. Mas com uma frieza racional de alguém que diseca o assunto no dia-a-dia das vivências particulares e no fluxo contínuo das experiências que eu ouço de viva voz. Ser mulher ainda é difícil hoje, aqui, em Natal. E em Natal porque é aqui que nós vivemos e sentimos na pele o sarcasmo, o di-

vertimento, a complacência e o assombro das pessoas: homens e mulheres que, apesar de todas as conquistas de muitos, insistem em não encarar a sério e de frente a vida. Apenas deixam que os acontecimentos e todas as suas implicações lhes rocem a cara.

O talhe e a medida dessa realidade irônica tomam corpo a partir do momento em que uma mulher se aventure — e quanta coragem é preciso para esse teoricamente insignificante gesto — a ir beber e cismar sozinha num qualquer bar da cidade. Basta isso para dimensionar, com toda a exatidão, o sentimento de um inseto preso ao alfinete de um mural. Vivo — o inseto — e incomodado com a sua condição. Porque se não fosse um inseto não seria objeto de tanto assombro, assédio, escárnio.

É preciso ser mulher, saber ser mulher e ter consciência aguda dessa condição humana comum a todas nós para perceber esse sentimento. Que não é raro, apenas não deveria ocorrer com tanta frequência em situações tão banais. Ridículas. E tão ridículas que a simples menção delas é suficiente para que a mulher **ousada** ao ponto de relatá-la leve na cabeça a tarja discriminatória e condescendente de — feminista. Só isso prova que o feminismo ainda tem razão de ser, embora não caiba mais o exarcebamento que raia o radicalismo.

Sr. Redator, isso não é um manifesto, não é um libelo, não é sequer uma teorização inconsistente. Isso é testemunho pessoal que, infelizmente, nem tão pessoal assim é. É, sobretudo, protesto e exigência de uma liberdade primária: a liberdade de ir e vir. E, ainda, um alerta para todas as mulheres indiferentes (e são tantas) aos problemas de sua própria carne. Estas são as mais expostas através de alfinetes. Só que sequer ainda não chegaram à consciência desse fato. — **JOANA DE MACEDO FERREIRA** — REDINHA/RN.

Outros travestis

Sr. Redator,

Nada tenho com o senhor Solângio Roberto de Meideiros — ou, como ele prefere ser chamado, Solange; pelo contrário, acho até que é um travesti que nada fica a dever às Roberta Close da vida. Ganha pontos, inclusive, pela falta de produção. Porém, acho que ele — Solange — não é o único travesti bonito e feminino que existe em Natal. Há Vânia. Há um outro, no Alecrim, que facilmente poderia seguir com brilho a carreira de modelo. Aliás, apesar desse senão da matéria, quero dizer que a revista de setembro acertou na hora em que aborda um tema tão atual como o homossexualismo. E quando aborda, também, a questão do sexo, assunto normalmente proibido na nossa imprensa. Pena que a questão do sexo tenha sido apenas escamoteada. — **SERGIO BARROS DE LIMA CORDEIRO** — NATAL/RN.

Cartas e opiniões para: Redator **RN/ECONÔMICO**, Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta, Natal/RN.

1984 - 15 ANOS DE RN-ECONÔMICO

Relevantes serviços



Saúdo a **RN/ECONÔMICO** nos seus 15 anos de existência, em que tem prestado, sem dúvida, relevantes serviços ao Estado, divulgando e difundindo as suas empresas, os serviços que o Estado presta e tudo o quanto se relaciona com

os novos caminhos do desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Norte.

Que a sua continuidade seja duradoura e ampliada cada vez mais a sua contribuição ao Estado, naquilo que ele tem de mais sério para o seu desenvolvimento, que são as suas riquezas e a sua economia.

A **RN/ECONÔMICO** é fruto de um jornalismo sério, de homens experientes, que honram a imprensa de nosso País.

(**HÉLIO XAVIER DE VASCONCELOS** é Secretário de Estado da Educação e Cultura).

Informação e responsabilidade



RN/ECONÔMICO está comemorando 15 anos e nós só temos motivos para nos orgulharmos, porque a publicação de mais um veículo de informação, sua circulação ininterrupta, significa não só o lançamento mensal de novas idéias, como emprego para profissionais de imprensa e o

compromisso de divulgar as coisas da nossa terra.

Colocar uma revista nas bancas é quase como ver um filho crescer. Nasce, dependente, precisamos ensinar-lhe os primeiros passos, mas, com o passar do tempo vai assimilando a filosofia de vida, traçando seu próprio caminho e, de repente, está pronto para sair pelo mundo, sozinho.

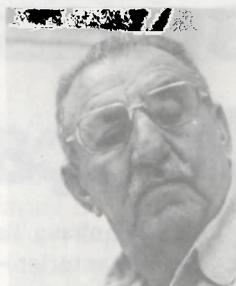
Uma entrevista envolve uma equipe especializada, competente para lhe dar credibilidade. O corre corre da notícia, a busca incessante de informações; a tentativa do fotógrafo de registrar o melhor momento; a ânsia do editor de publicar o melhor, de informar mais. A escolha de todo o material, a ida para a impressão.

De repente, como os pais notam que o filho cresceu e já pensa por si só, o editor também vê a revista pronta e quando ela ganha as ruas, tem vida própria. Suscita comentários, prós e contras, forma a opinião pública, é responsável, muitas vezes, pelo comportamento da comunidade.

Portanto, ser muito grande a responsabilidade de quem faz uma revista. A informação tem que ser correta, consciente, direta, tanto quanto a informação que a criança recebe em casa e na escola. Se ela for mentirosa e não corresponder à realidade da vida, mais tarde, fatalmente, esta criança cobrará a verdade dos seus pais. No caso da revista, a sociedade cobrará dos editores a verdade dos fatos e o veículo perderá sua credibilidade junto ao seu público leitor.

RN/ECONÔMICO tem sido responsável e respeitosa com seus leitores no decorrer desses 15 anos. Por isso comemora, com muita justiça, 15 anos. E o Rio Grande do Norte também está de parabéns. (**LUIZ EDUARDO CARNEIRO COSTA** é Delegado do MEC/RN).

Papel preponderante



É para mim uma satisfação poder prestar um depoimento sobre a revista **RN/ECONÔMICO**. Quando recebi o primeiro número, acreditava que a revista pudesse sair apenas três ou quatro vezes. Com a seqüência dos números que eu fui recebendo,

com a qualidade que ela foi assumindo, com a multiplicidade de assuntos que abordava, a beleza visual, gráfica da revista e, mais ainda, a amenidade de certas análises e, também, a combatividade quando ela deseja revelar o ponto de vista da própria estrutura administrativa e também das suas responsabilidades, a revista assume em verdade um papel preponderante dentro da vida do Rio Grande do Norte. Com a sua numerosa distribuição, ela alcança todas as áreas, com repercussão natural.

Eu, como Prefeito de Mossoró, sempre me desaltero, em algum dos seus diversos campos, para matar a sede de aprender sobre as coisas do Rio Grande do Norte. Quero lhes dar os parabéns por esses 15 anos de luta e, sei agora, já não terei muita surpresa se, daqui a muitos anos, eu puder dar um outro depoimento semelhante.

(**DIX-HUIT ROSADO** é Prefeito da cidade de Mossoró).



Agripino: dividendos gerais



Lavoisier: cisão provável

POLÍTICA

Em discussão, a política das alianças estaduais

Afinal, além do foguetório, dos vivas e dos chavões laudatórios que deram o tom dos discursos, o que fica no ar após a manifestação do dia 15 passado, no Palácio dos Esportes, quando o Governador José Agripino formalizou a sua adesão à candidatura de Tancredo Neves? Indubitavelmente, do ponto de vista publicitário, Agripino conseguiu dividendos que, se bem administrados, podem vir a assegurar-lhe o posto de lugar-tenente de Tancredo Neves aqui no Estado. Claro: no caso do ex-Governador mineiro sobrepujar a garra pecuniária com que o Deputado Paulo Maluf tem imprimido — ou tem tentado — fôlego à sua própria candidatura.

A verdade é que, além de relegar a um plano secundário os líderes peemedebistas do RN — ausentes do palanque, assim como a representação parlamentar do partido que

acompanhava Tancredo, por força de acordo anterior — Agripino viu projetada, aos quatro quadrantes do País, a sua imagem de «liberal». Assim, não deixa de ser plausível a idéia de que o Governador potiguar viu untadas com bálsamos bastante rentáveis — em termos de futuro — as feridas resultantes do cancelamento da audiência que teria com o Presidente João Figueiredo.

Além disso, o próprio Tancredo cuidou de ungir ainda mais o terceiro nome da linhagem Maia à frente do Governo do Estado. Em entrevista publicada por um jornal da cidade, o político mineiro declinou sua intenção de transformar Agripino em canal por onde fluiriam todas as ações administrativas do seu Governo. É lícito supor que Agripino, à vista de tanta generosidade, deve estar agora ainda mais confiante no acerto da sua decisão de, em consonância com o pai,

engrossar o coro que entoava loas à mineirice do candidato da Aliança Democrática.

UMA PEDRA NO CAMINHO — Entretanto, o apoio de Agripino a Tancredo Neves pode significar bem menos do que o desejado pela pretensa grandiosidade do circo montado no dia 15. É que, dada a opção de Lavoisier Maia pela candidatura do Deputado Paulo Maluf, nem mesmo a tripulação do barco com que Agripino supõe velejar pelas águas tancredistas — os votos dos seis delegados a serem escolhidos entre os membros da Assembléia Legislativa — parece a salvo da cobiça malufista. Que, de saída, conta com a simpatia de quatro dos cinco deputados federais pedesistas — a exceção é Antônio Florêncio — e dos senadores Carlos Alberto de Souza e Moacyr Duarte.

Nem mesmo o mais renitente agri-

pinista pode garantir que Lavoisier e os parlamentares malufistas não tentarão interferir na tomada de posição dos delegados, devendo mesmo iniciar o processo de interferência quando da escolha dos deputados estaduais que irão ao Colégio Eleitoral. Aliás, após a escolha na primeira eleição, um deles — Manoel do Carmo — já se dizia indeciso entre seguir a orientação de Agripino — àquela altura sem definição — e abrir as mãos para o atraente jogo de sedução exercido por Maluf e seus arautos.

Um outro elemento considerável do processo pode ser a posição dos prefeitos e outros líderes do interior do Estado, quase todos claramente afinados com Lavoisier Maia. Senhores dos seus feudos eleitorais, tais líderes sabem o nível de dependência dos deputados estaduais para com os autênticos currais que controlam nos municípios, e não é de todo impossível que Lavoisier Maia acione também mais este mecanismo de persuasão dos delegados. Convém lembrar, em reforço a este aspecto, que Agripino teve dificuldades com os líderes interioranos ainda no período em que, disposto a apoiar Tancredo Neves, escutava-os à cata de respaldo para a decisão que tomou.

A hipótese mais previsível — e o próprio Lavoisier Maia já externou-a antes, nas entrelinhas de algumas entrevistas — é uma cisão meio a meio, o que deixaria Tancredo em franca desvantagem nas hostes pedessistas, haja vista a tendência desenhada pela bancada federal do Rio Grande do Norte. Há quem considere que esta acomodação de interesses seria, em síntese, o alvo principal dos Maia, pelo menos de imediato. Uma suposição que encontra indício de plausibilidade no apoio do grupo a dois candidatos distintos. Afinal, foi de artimanha em artimanha que Tarcísio Maia sacramentou o controle do grupo sobre a cena política do Rio Grande do Norte.

A GRANDE QUESTÃO — Embora sejam estes os fatos mais importantes e que suscitarão maior interesse entre políticos, analistas da área e, dolorosa resignação, a população — ao menos até que se conheça o sucessor de Figueiredo — muitos outros devem ocupar a ordem do dia daquelas pessoas. Entre estes, todos os que respeitam ao tipo de relacionamento a ser estabelecido com os grupos Alves e Maia caso Tancredo Neves con-

siga superar a gana psicótica de Poder do Deputado Paulo Maluf. Daí deve emergir um emaranhado de especulações e boatos que deliciarão os circunstantes e constituirão um prato cheio para a imprensa.

E a temporada especulativa começou ainda durante a visita de Tancredo para receber, de mão beijadíssima, as simpatias do Governador do Estado. Na mesma entrevista em que confirmou Agripino como instrumento de ação do seu Governo, o presidienciável mineiro descartou qualquer compromisso prévio com Aluísio Al-

áreas insignificantes no contexto político do Estado.

E dentro de tal estratégia, qualquer derrota de Aluísio Alves no que toca à conquista de cargos e posições capazes de projetá-lo além do desejado por Tarcísio, Lavoisier e Agripino, representa um passo a mais na consecução desse domínio absoluto. Não por outra razão, os líderes peemedebistas foram excluídos da manifestação do dia 15. Embora, para muitos, a coisa não vá além de um lance estratégico executado pela Frente Liberal em todos os Estados percorridos por



PMDB não entrou na festa

ves para indicá-lo para qualquer cargo que fosse. O desmentido, ao que parece, serviu tão somente para aguçar o apetite das centrais de boato, que cuidaram de «nomear» o político peemedebista superintendente da Sudene. E o fizeram sem consultar os políticos da Aliança Democrática, que habitam latitudes políticas de maior peso como Pernambuco, Ceará e Minas Gerais...

O certo é que, seja qual for a pretensão de Aluísio Alves, o ex-Governador terá que enfrentar também obstáculos domésticos. Todos com um sobrenome composto por quatro letras. Para o grupo Maia, que traduz — na adesão a Tancredo e na oficialização da dissidência dentro do PDS — o desejo de controlar o partido que seguramente será formalizado a partir da Aliança Democrática, o apoio ao candidato do PMDB à Presidência da República representa a possibilidade de apertar ainda mais o cerco sobre seus adversários. Com uma clara intenção: reduzir seu espaço ao mínimo domínio de setores e

Tancredo Neves, de forma a resguardar peculiaridades locais sem comprometer as alianças conseguidas a nível nacional. Ou, outra opinião corrente, de uma fórmula engendrada por Aluísio Alves para transmitir a Agripino, Tarcísio e demais companheiros de dissidência uma falsa impressão de força e poder de decisão.

1978 É HOJE — Boataria ou verdades, todos estes fatos são arrançados — direta ou indiretamente — pelo noticiário de uma agência do Rio de Janeiro, publicado em um dos jornais da cidade no dia 17 que passou. Segundo a agência, tudo o ocorrido na cena política do Rio Grande do Norte desde as manifestações do dia 15 não passa de um bem montado espetáculo burlesco, armado para dissimular a reedição da «paz pública» de 1978. Naquele ano, Tarcísio Maia e Aluísio Alves aliaram sua prática política e seus discursos para eleger o candidato governista ao senador, o falecido empresário Jessé Freire.

Na nova versão, a paz pública ungi-

ria a candidatura de Fernando Bezerra ao Governo do Estado e as de Agripino Maia e Henrique Eduardo Alves para as duas vagas no Senado que serão colocadas em disputa nas eleições de 1986. São as vagas ocupadas por Martins Filho (PMDB) e Moacyr Duarte (PDS). O que coloca de imediato uma questão: e Moacyr Duarte, para onde vai? Possivelmente, se valerem os desejos de Agripino e Tarcísio, que deploram a **malufada** de Moacyr Duarte, para algum lugar bem distante do plenário do Congresso Nacional. Se vencer Tancredo, tudo bem. Mas, e se der Maluf no Colégio, como pai e filho farão para enfrentar o súbito fortalecimento do substituto de Dinarte Mariz?

No PMDB, a coisa não é muito diferente. Egresso do PDS por não se adaptar ao comando de Tarcísio Maia, Martins Filho levou para o PMDB sua aversão ao grupo Maia e muito dinheiro para tentar a reeleição em 1986. Como encararia, então, a gana de Aluizio em ver o filho ocupando a sua vaga? E as dificuldades, dúvidas e brigas não se restringem apenas à esfera senatorial. De acordo com o noticiário da agência, Aluizio e Tarcísio estariam dispostos a varrer da bancada federal do Rio Grande do Norte todos os nomes que, por apoiarem outro candidato à Presidência da República (os malufistas do PDS) ou por seguirem princípios e dogmas partidários que escapam ao controle do «chefe» (caso de Agenor Maria, do PMDB), representam obstáculo à sua ânsia de controlar com mão de ferro suas agremiações partidárias.

Assim, para 1986, o PMDB forçaria o jogo eleitoral em favor de nomes como Garibaldi Filho, Geraldo José de Melo, Ismael Wanderley (genro de Aluizio Alves) e de Assunção de Macedo. Já o PDS — ou o partido escolhido pelos Maia como estuário final da sua dissidência — concentraria seus trunfos em torno de nomes como Marcos César Formiga Ramos, Manoel Pereira (secretário do Planejamento e umbilicalmente ligado a Agripino), Raimundo Fernandes, Carlos Augusto Rosado e Rui Barbosa, todos deputados estaduais. De quebra, haveria um trabalho para convencer Lavoisier a desistir do seu apoio a Maluf em troca de uma tranqüila «esticada» à Câmara dos Deputados. Que deve ser, afinal, a tarefa mais difícil.

O circo da paz pública contaria, ainda, com uma outra grande atração: a Agripino caberia o direito de

escolher os titulares de todos os cargos federais no Rio Grande do Norte. Como se vê, a cada artista de peso, o seu quinhão no espetáculo. Mas, se as outras estrelas, que foram relegadas à condição de coadjuvantes ou tiveram suprimida a sua parte no espetáculo? Como reagirão às mudanças no **script**? Como o usineiro Geraldo Melo encararia mais essa demonstração de que «a política é dinâmica», chavão utilizado para justificar engodos e artifícios montados para perpetuar o eterno poder dos figurões?

Não será fácil para o empresário, sabe-se. Afinal, é pública a sua ânsia de ocupar o gabinete hoje tomado por Agripino no Palácio Potengi. Seria esta, inclusive, a razão que o levou a deixar o confortável abrigo das sombras governistas em troca dos riscos de presidir um partido de oposição cujo candidato foi esmagado nas eleições de 1982 para o Governo do Estado. Foi por não ser escolhido candidato do PDS que Geraldo Melo preferiu tentar a sorte sob o verde desgastado das esperanças peemedebistas.

UM RISO PROFÉTICO — E, aparentemente, o conseguira, quando o ex-Governador Aluizio Alves antecipou seu nome como o mais gabaritado para levar o PMDB a vencer as eleições de 1986. Comentando o «lançamento», Tarcísio maia riu das declarações de Aluizio e atribuiu-as à intenção de queimar, desde já, o nome de Geraldo Melo. Se confirmada a reedição da paz pública, o sonoro divertimento de Tarcísio Maia terá sido de uma melodia profética.

Então, de saída, duas opções se colocarão para Geraldo Melo: curvar-se aos desígnios da onipresença de Aluizio nas decisões tomadas em nome do partido (e no caso, esquecendo até a sua condição de presidente do PMDB), ou, simplesmente, insistir na candidatura, correndo o risco de cindir o partido. É mais uma questão adiada para o próximo ano, quando, cessados os ecos do Colégio Eleitoral, a corrida pelas eleições de 1986 ganhará lances mais ousados e definitivos.

E Aluizio Alves, para onde irá? Apesar da intenção de Tancredo de transformar Agripino em escoadouro de sua ação administrativa o que colocaria Aluizio em plano secundário a menção a uma segunda «paz pública» joga novas luzes sobre a questão. Confirmada a reedição do acordo e a candidatura de Henrique Alves ao

UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA



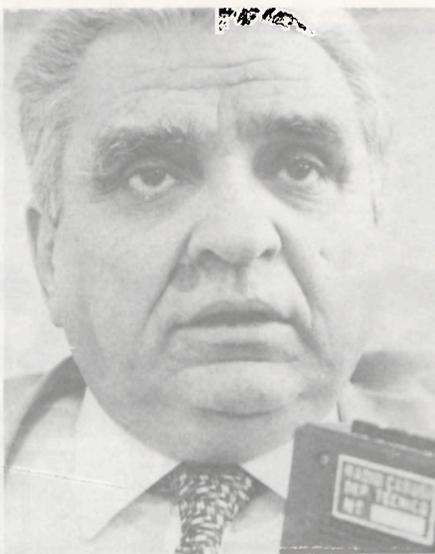
Usar laje, seja de piso ou forro, hoje, é quase uma obrigação de quem constrói. A laje é uma questão de segurança, estética e beleza. E, se utilizadas nervuras e blocos, formando a conhecida Laje Volterrana, aí, o construtor terá mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e uma qualidade sem igual. A Laje Volterrana, pela sua praticidade, tornou-se um produto nacionalmente conhecido. No Rio Grande do Norte é fabricada pela Saci-Material de Construção Ltda. Todo calculista criterioso determina Laje Volterrana para sua obra. Os investidores da construção civil também fazem isto. A Saci, detendo exclusividade no fabrico e comercialização do produto, ensina tudo sobre Lajes Volterrana. E ainda vende pré-moldados de cimento para pronta entrega.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

Senado, Aluizio abocanharia algum cargo de expressão na equipe de Tancredo Neves. Claro: com o acordo, desapareceriam os obstáculos interpostos pelo Grupo Maia entre Aluizio e seus alvos.

Enfim, o jogo continua sendo disputado em palcos que fogem à capacidade de alcance da visão do público. Preterida no seu desejo de escolher o próximo presidente do País, a Nação permanece onde sempre esteve: na obscuridade. E contemplando cenas e situações bem pouco éticas e cada vez mais reafirmadoras daquela história de todos os políticos calçarem quarenta... Ao menos os que tripudiam, com (reconheçamos) «talento» sobre as aspirações de mais de cem milhões de pessoas. □



Aluizio: papel ainda indefinível

COMUNICAÇÕES

Telern entrega mais 7 mil telefones até dezembro

Até dezembro próximo, a Telecomunicações do Rio Grande do Norte estará concluindo o 5.º Plano de Expansão, totalizando mais 7 mil 280 telefones na capital, em terminais 222, 231, 223 e o 221, que vão ser instalados no final do ano. O Plano, segundo o diretor de Operações da Telern, Osvaldo Fontes do Rego, foi iniciado em 82, em outubro do ano passado, 1 mil 200 telefones de prefixo 223 foram entregues, e já este ano, em agosto, 1 mil 780 de prefixo 231 também entraram em operação.

A maior fatia de novos telefones implantados está na nova central 221, que vai funcionar a partir de dezembro próximo. Nela, serão instalados os restantes 4 mil 300 telefones que restam do Plano de Expansão. Esse número, na verdade, não significa novos assinantes, segundo explica Osvaldo Fontes, destacando que alguns assinantes que têm telefone de prefixo 231 serão transferidos para o 221, através de um sorteio feito por computador na Telern.

CÂMBIO NEGRO — Essa mudança, no entanto, não vai significar constrangimento ou problemas para os assinantes, visto que a própria Telern se encarregará de enviar comunicação aos clientes dos assinantes (que geralmente são empresas) avisando da mudança. Além do

aviso — cerca de 100 cartões postais — observa o diretor de Operações da Telern, a empresa vai telefonar para cada um dos clientes reafirmando a mudança de número do assinante. “Com isso, nós não queremos simplesmente agradar”, explica ele, “mas queremos amenizar esses transtornos que às vezes acontecem”.

Finda a implantação do 5.º Plano de Expansão da Telern, a garantia de Osvaldo Fontes é que a demanda em Natal fica atendida em 92%, ainda tendo a empresa cerca de 1 mil telefones para vender, em prefixos 222, 221 e 223. Fica assim, uma margem para a comercialização no mercado paralelo, pois os custos da implanta-



Osvaldo Fontes: falta de recursos

ção de telefone fazem com que a Telern cobre quase o dobro do preço do câmbio negro, principalmente em prefixos 231 e 236, que a empresa não tem para vender.

Osvaldo Fontes lembra, ainda, que a Telern está subsidiando o telefone em 20%, vendendo, portanto, abaixo do custo. Isso acontece, porém, apenas com os prefixos 221 (que vai ser implantado), 222, e 223, sendo que, nos outros, a empresa não tem controle. A maior demanda de telefones é para o 231, justamente um dos que a Telern não tem para vender — os custos fazem com que o preço não compense — e o domínio fica para o câmbio negro.

FNT: ORDEM É COBRANÇA — Alvo de diversas ações correndo na Justiça, o Fundo Nacional de Telecomunicações (FNT) não é assunto tratado com entusiasmo na Telern. Ao ser indagado, o diretor de Operações, Osvaldo Fontes, foi curto e objetivo: “O papel da Telern, de acordo com o decreto prorrogando a vigência do Fundo, é cobrar. À empresa cabe cobrá-los e repassar aos cofres do Governo Federal”. Ele diz, ainda, não ter conhecimento de que, no Rio Grande do Norte, exista alguma ação contra o FNT.

Ele não deixa de destacar o fato de que a Telern, apesar de arrecadar o imposto, não tem qualquer retorno em termos de recursos. A empresa recolhe ao Ministério da Fazenda, que destina parte do que foi recolhido à Telebrás, que, por sua vez, redistribui em porcentagens mínimas. Nos três últimos anos, a Telern não recebeu qualquer quantia decorrente do Fundo Nacional de Telecomunicações, e vê prejudicados certos programas que poderiam ser concretizados com mais algum dinheiro. “Nosso Plano de Expansão é limitado por falta de recursos”, diz Osvaldo Fontes.

Recentemente, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte deu sinais de que também vai entrar na luta pela suspensão da cobrança do FNT, a exemplo do que vem acontecendo em outras Assembléias. É que o Fundo foi criado em 1962, para vigência de dez anos. Depois, sua validade foi prorrogada por tempo indeterminado, através de Decreto-Lei presidencial. Os 30% sobre as tarifas de telefones, cobradas para desenvolver as telecomunicações do País, terminou virando tributo, tornando-se no mínimo ilegítimo, visto que não é conhecido seu fato gerador. □



Na presença de autoridades e convidados especiais, o engenheiro Fernando Bezerra, Presidente da FIERN, entrega à cidade o Solar Bela Vista restaurado.

Solar Bela Vista: memória viva da cultura e lazer

“Encontramos a cidade de hoje para, resgatando seu passado, prepararmos seu futuro”. As palavras do engenheiro Fernando Bezerra, Presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, não representavam mera retórica quando da inauguração do Solar Bela Vista — Centro de Cultura e Lazer do SESI/RN. Isso porque, ainda no mês de inauguração, cerca de 50 trabalhadores e filhos de trabalhadores da indústria já usufruem do Solar como um centro vivo da cultura, através de aulas de música e artesanato, e do lazer, através da exibição de filmes, peças de teatro e espetáculos folclóricos.

O Governador José Agripino e o Prefeito Marcos César Formiga, ambos presentes à inauguração, acreditam que a recuperação do Solar é um serviço prestado à comunidade e, no dizer do Prefeito, foi um primeiro passo dado para a revitalização da Ribeira como “corredor cultural da cidade”. Fato

que a própria Diretora do Solar, Deijair Borges, confirma baseada na procura diária por cursos que o Centro oferece.

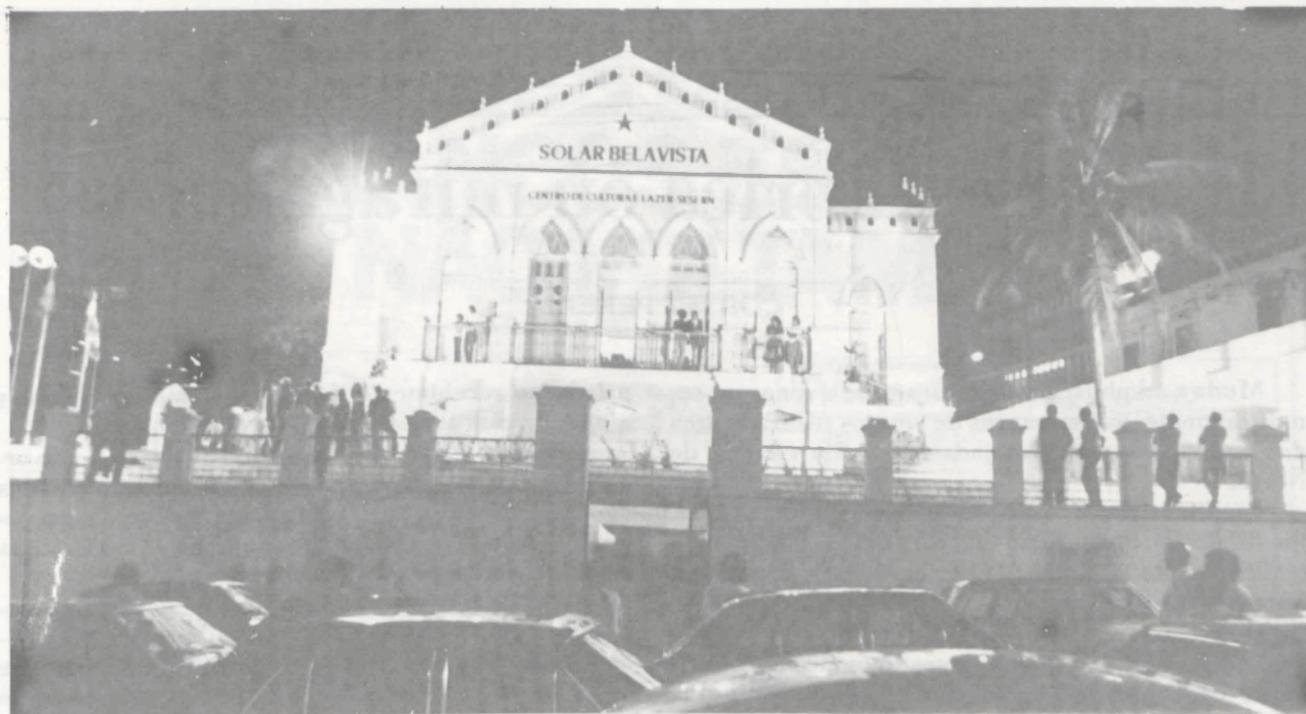
UM PATRIMÔNIO VIVO — A inauguração do Solar Bela Vista não constou somente da visita às dependências do prédio restaurado. O próprio discurso de Fernando Bezerra, quando ele dizia que “não estamos simplesmente reintegrando a cidade na posse de uma propriedade inerte, estéril e sem vida” foi uma introdução à seqüência de espetáculos folclóricos, teatrais e de música, apresentados no dia, numa amostra do que o Solar tem a oferecer.

Na realidade, o objetivo do Solar se prende ao próprio posicionamento do empresariado potiguar hoje, na tentativa de valorizar a memória da cidade e contribuir, de modo incisivo, para a formação cultural de sua gente, principalmente no que toca ao serviço aos usuários do SESI.

O que, indiretamente, atinge toda a “vida da cidade, na manifestação do que for produzido para a comunidade”, declara o Prefeito Marcos César Formiga. E é a própria Diretora do Solar Bela Vista quem diz: “E nosso interesse despertar vocações. Damos os primeiros passos com os nossos alunos e eles ficam aptos a seguir uma carreira dentro da nossa sociedade”.

PERSPECTIVA DE MERCADO — De acordo com Deijair Borges, as aulas de música do Solar — flauta doce e transversal, violino, viola e violoncelo — são ministradas todas as tardes de segundas, quartas e sextas-feiras, com um total de 30 alunos. Os cursos de artesanatos são esporádicos, e abrangem desde o trabalho com palha até culinária e artes plásticas de maneira geral, tendo uma média de 20 a 25 alunos por 40 horas/aula.

“No próximo ano, nossa meta é ter pelo menos 100 alunos,



Antigo hotel, o Solar Bela Vista hoje abriga novamente a cultura e lazer através de aulas de música ...

e ampliar nossos cursos de música oferecendo, além das atuais, aulas de violão, pistom, trombone, trompa e clarineta, para que os alunos possam participar da Banda do Sesi", esclarece a Diretora, acrescentando que as aulas são ministradas, sob empréstimo, por professores da Escola de Música.

Mas a possibilidade de atuar na Banda do Sesi não encerra a perspectiva de mercado de trabalho oferecido pelo Solar. Quem se interessa realmente em seguir a carreira de músico, após a iniciação feita no Centro de Cultura e Lazer, pode continuar os estudos através de uma bolsa oferecida pelo Sesi para a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. "E no Brasil todo, há uma grande carência de instrumentistas de corda e sopro, tanto que hoje eles são importados. O que significa um campo aberto", esclarece Deijair.

SONDAGEM DA CLIENTELA — O trabalho que já vem sendo desenvolvido no Solar, na realidade, está funcionando como uma "sondagem da clientela", uma vez que, somente com o decorrer do tempo, as necessidades da comunidade

vão sendo sentidas e atendidas pela equipe de trabalho.

No que toca ao artesanato, por exemplo, já foi oferecido um curso de trabalhos em palha e, também neste mês, foi iniciado outro sobre culinária. Todos com um curso paralelo — o de artes plásticas para crianças de 4 a 12 anos, cujos pais estejam participando dos cursos de artesanato.

Os trabalhos são expostos e comercializados no próprio Solar, na Lojinha do Sesi. Os participantes dos diversos cursos, tanto de música como de artesanato, devem ser inscritos no

SESI ou familiares de trabalhadores na indústria. O que é aberto à comunidade como um todo, informa Deijair Borges, são as programações de lazer.

Nessa área, o Solar Bela Vista ofereceu, durante o mês de outubro, programações de cinema, com exibição de filmes culturais de curta-metragem aos sábados. E também estão previstas apresentações folclóricas uma vez por semana. Essa é, inclusive, a frequência das audições de música, que também constarão da programação do Solar em dia a ser determinado.



... e artesanato a 50 alunos, além de espetáculos artísticos.

Barrilha: fábrica ou miragem... (I)

CORTEZ PEREIRA

Muda a administração da Alcanorte e renovam-se, naturalmente, as esperanças de vermos realizada uma das aspirações mais desejadas pelo Rio Grande do Norte.

Pessoalmente vivemos, há 10 anos, a luta, o trabalho difícil de reverter, em favor do nosso Estado, uma realidade que já tinha dia marcado para nascer em Sergipe.

O Presidente Médici, em Aracaju, havia anunciado o início das obras do grande investimento sob o aplauso de uma multidão agradecida "pelos 3.000 novos empregos diretos e pela duplicação da receita tributária de Sergipe".

A firma ganhadora da concorrência, no mesmo dia da festa, iniciou a preparação do canteiro de obras. O fato estava consumado. O Rio Grande do Norte, com todo o seu sal, com todo o seu calcáreo, amargava a sua segunda preferência, depois de perder para Cabo Frio a primeira fábrica de barrilha do Brasil.

Foi nesta hora de desânimo, de frustração coletiva que sentimos mais pesada, a pesada responsabilidade de governante. Foi como se caíssem de vez, sobre nós, as 400.000 toneladas "do que poderia ter sido e que não foi..."

Naqueles dias de angústia três presenças marcaram, decisivamente, o esforço, o alento para se encontrar razões e motivos de prosseguir na luta. Valeu muito a obstinação de Antônio Florêncio com a sua crença que parecia-nos até ingênua; valeu muito a confiança sem limites de Tertius Rebelo; valeu muito as informações que, parece, despreziosamente, nos enviou Vingt Rosado, nas quais um consultor da Alcalis do Brasil, sob o carimbo de sigilosas, dava indicações técnicas das vantagens em favor do Rio Grande do Norte.

Criamos um segundo esquema de trabalho, convocamos o entusiasmo de Antônio Florêncio para coordená-lo e um novo estudo foi formulado. Um assessoramento técnico de alto nível levou-nos à uma análise detalhada de todos os insumos e fatores para a produção de barrilha e comprovadas ficaram tanto a viabilidade técnica quanto as vantagens locais do Rio Grande do Norte.

Com menor investimento e menos custo de produção tínhamos o cloreto de sódio e a água. O embarque da grande produção final das 400.000 toneladas de barrilha seria mais facilmente feito, mesmo a granel, pelo Porto-Ilha de Areia Branca, sem nenhum investimento adicional, o que não ocorreria em Aracaju. Quanto ao combustível levaríamos a pequena vantagem de dispormos da Termisa com equipamento apro-

priado ao recebimento do fuel oi, vantagem depois ampliada com as descobertas de petróleo e gás.

O nosso grande embaraço eram as restrições de ordem técnica, nascidas não sabemos onde, inventadas não sabemos por quem, mas apontadas como peso negativo fazendo descer, abaixo da neutralização, todas as outras vantagens do Rio Grande do Norte.

Neste item concentramos a nossa atenção, questionamos o próprio questionamento e do relatório elaborado por consultor da própria Alcalis, nos entregue sob o signo de secreto, tiramos grande parte da nossa contra-argumentação.

Com o novo estudo nas mãos reencetamos a luta. Senadores, deputados federais e governador fomos recebidos pelo então Presidente da Alcalis, um general, que ao receber o documento informou-nos de sua inutilidade por já existir um "compromisso político do Presidente Médici com Sergipe".

O argumento do general Orlandini tornou-se, depois, o nosso argumento decisivo em favor do Estado.

Recebidos, com os mesmos políticos, pelo ministro da Indústria e Comércio, Pratini de Moraes, sentimos, desde logo, a tolerância em ouvir-nos num clima constrangedor de gentil indiferença. Sem a aspereza do encontro anterior, o ministro aproveitava a mínima pontuação na conversa, para divagações que nos distanciassem do assunto barrilha.

Num determinado momento vira-se para nós e pergunta: "Governador, por que não criar caprinos no seu Estado?"

Ora, aquela fuga menos delicada irritou-nos e retrucamos: "Sr. Ministro percebemos que a Revolução de 64 não mudou muita coisa no Brasil. Vimos tratar de um assunto que interessa ao Rio Grande do Norte e ao País, trazendo a contribuição no sentido de aplicar-se melhor o dinheiro público num investimento tão grande quanto o da fábrica de barrilha. Tínhamos a esperança de discutir com o Ministro este assunto relevante e da sua área, enquanto o Sr. nos manda criar bode. Se o tema fosse este, Ministro, estaríamos discutindo com Cirne Lima. E tudo isso porque os nossos argumentos técnicos não valem nada face ao compromisso político do Presidente Médici, num comício em Aracaju".

Foi precisamente nessas circunstâncias que o ministro, inteligente e competente como é, despertou para a realidade do assunto, prometeu-nos reestudá-lo, solicitou-nos total reserva, insistindo na importância do silêncio, voltando a falar que evitássemos transpirar na imprensa a notícia do nosso encontro e que a melhor solução seria dada ao Brasil, em Sergipe ou no Rio Grande do Norte.

OS CHEQUES DE CLIENTES DOS BANCOS ESTADUAIS NÃO VOLTAM.

 BANCO DO ESTADO DO ACRE S.A.	 Banco do Estado de Alagoas S.A.	 Banco do Estado do Amazonas S.A.	 banco do estado da bahia sa	 BANCO DO ESTADO DO CEARÁ S.A.
 BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS	 Banco do Estado do Espírito Santo S.A.	 Banco do Estado de Goiás S.A.	 Banco do Estado do Maranhão S.A.	 BANCO DO ESTADO DE MATO GROSSO S.A.
 BANCO DO ESTADO DE MINAS GERAIS S.A.	 Banco do Estado do Pará S.A.	 BANCO DO ESTADO DA PARAIBA S.A.	 BANCO DO ESTADO DO PARANÁ S.A.	 Banco do Estado de Pernambuco S.A.
 Banco do Estado do Piauí S.A.	 Banco do Estado do Rio Grande do Norte S.A.	 BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL S.A.	 BANCO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO S.A.	 Banco do Estado de Rondônia SA
 Banco do Estado de São Paulo SA	 Banco do Estado de Santa Catarina S.A.	 Banco do Estado de Sergipe S.A.	 BANCO REGIONAL DE BRASÍLIA S.A.	 banco de roraima sa.

É SÓ DEPOSITAR NO BANDERN OU EM OUTRO BANCO ESTADUAL.

Agora o comércio, a indústria e os prestadores de serviços podem ficar tranquilos quando venderem seus produtos ou serviços, e o pagamento for feito com cheque. Com o lançamento do "Depósito Verde-Amarelo", os cheques de mais de 2,5 milhões de clientes especiais dos Bancos Estaduais não serão devolvidos por falta de fundos. Basta que sejam depositados no BANDERN ou em qualquer agência dos bancos participantes do Sistema ASBACE de Depósitos Garantidos. São 25 bancos, com mais de 3.300 agências, assegurando a liquidação dos cheques em todo o território nacional. Não importa de que Banco Estadual seja o cheque recebido nem sua praça de origem. O Depósito Verde-Amarelo libera os cheques dos clientes especiais dos Bancos Estaduais no momento em que são depositados. Sem consultas, sem custos adicionais, com toda garantia. Basta que o emitente seja legítimo e que o cheque esteja dentro do limite de garantia indicado no cartão do cliente. Dirija-se ao BANDERN ou a um outro Banco Estadual para conhecer detalhadamente o que o Depósito Verde-Amarelo pode fazer por sua empresa, e comece a explorar o potencial representado por mais de 2,5 milhões de clientes já credenciados pelo Sistema. Nunca mais você vai ver um cheque de cliente de Banco Estadual voltar.



O DEPÓSITO VERDE-AMARELO FUNCIONA ASSIM:

- Quando receber um cheque de cliente de Banco Estadual, portador do cartão de garantia, verifique se ele está preenchido corretamente e identifique o emitente.
- Anote no verso do cheque o prazo de validade do cartão de garantia. O cartão só é válido se estiver dentro do prazo estipulado.
- Anote, também, o limite estabelecido no cartão, caso o valor do cheque seja superior a Cr\$ 50.000,00. Cartões com limites inferiores garantem, automaticamente, cheques até este valor.
- Junte todos os cheques e deposite-os no Banco Estadual de sua preferência.

Associação Brasileira dos Bancos Comerciais Estaduais



Banco do Estado do Acre S.A. - BANACRE • Banco do Estado de Alagoas S.A. - PRODUBAN • Banco do Estado do Amazonas S.A. - BEA • Banco do Estado da Bahia S.A. - BANEBA • Banco do Estado do Ceará S.A. - BEC • Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A. - CREDIREAL • Banco do Estado do Espírito Santo S.A. - BANESTES • Banco do Estado de Goiás S.A. - BEG • Banco do Estado do Maranhão S.A. - BEM • Banco do Estado de Mato Grosso S.A. - BEMAT • Banco do Estado de Minas Gerais S.A. - BEMGE • Banco do Estado do Pará S.A. - BANPARA • Banco do Estado da Paraíba S.A. - PARAIBAN • Banco do Estado do Paraná S.A. - BANESTADO • Banco do Estado de Pernambuco S.A. - BANDEPE • Banco do Estado do Piauí S.A. - BEP • Banco do Estado do Rio Grande do Norte S.A. - BANDERN • Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A. - BANRISUL • Banco do Estado do Rio de Janeiro S.A. - BANERJ • Banco do Estado de Rondônia S.A. - BERON • Banco do Estado de São Paulo S.A. - BANESPA • Banco do Estado de Santa Catarina S.A. - BESC • Banco do Estado de Sergipe S.A. - BANESE • Banco Regional de Brasília S.A. - B.R.B. • Banco de Roraima S.A. - BANRORAIMA



Brega x radiola de ficha: inseparáveis

MÚSICA

Em Natal, o sucesso é mais fácil para a música brega

Garrafa de cerveja sobre a mesa, cigarro aceso entre os dedos, o homem se levanta da cadeira, vai até à radiola e deposita uma ficha. Volta para se sentar. A voz melosa de Carlos Alexandre começa a cantar «Eu fui usado como arma de vingança/para fazer mal ao seu namorado...» enquanto o homem fica pensativo e fumando, à espera de uma mulher da noite, a fumaça do cigarro se misturando com às luzes alaranjada e azulada das lâmpadas. A cena se passa em qualquer bar da Ribeira e tanto pode ter ocorrido em 1978, quando Carlos Alexandre estourou com esse sucesso, como pode ser a qualquer dia deste ano. Afinal, depois de Gilliard — outro conterrâneo — Carlos Alexandre é o cantor potiguar que faz mais sucesso em sua terra.

Apesar de Carlos Alexandre, em entrevista em sua residência na Cidade da Esperança, afirmar que Gilliard

“se considera um cantor classe A”, os dois podem ser enquadrados como cantores de **brega**, bares noturnos, motéis. Os dois são as estrelas maiores e mais brilhantes da constelação de aproximadamente 25 cantores desse gênero musical, que nasceram ou residem no Rio Grande do Norte. Em Natal e no interior, a dupla abocanha a fatia maior do bolo formado pelos consumidores de discos e shows desse estilo musical. Os outros compositores, a maioria também com compactos e LP's gravados e lançados no mercado, disputam acirradamente suas fatiazinhas desse grande, embora pouco conhecido, público consumidor.

As rádios AM's de Natal, por sua vez, dedicam boa parte de sua programação a executar essas músicas, que se caracterizam todas, pela mensagem simples e objetiva, quase sempre beirando o vulgar, deglutin-

do — não antropofagicamente, como Eduardo Dusek — e, daí, repetindo, os agradáveis lugares-comuns do romantismo. Por isso, pode-se afirmar com segurança que todo norte-riograndense que tenha o costume de ouvir rádio, independente do seu grau de instrução escolar, cultura ou posição social, já ouviu as músicas desses cantores, nem que tenha sido rapidamente ao sintonizar o aparelho à procura de um Caetano Veloso, Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Alceu Valença, Gal Costa ou Rita Lee.

GOSTO DE MÚSICA BREGA — A expressão «brega» é pouco usada por aqui, sendo mais conhecida a palavra **beréu**. Na realidade, qualquer música pode ser tocada nas radiolas de ficha das boates populares. Até mesmo o «Bolero de Ravel». Embora as músicas de Carlos Alexandre, Gilliard e companheiros sejam muito tocadas em rádios e digeridas por famílias do «povão», elas têm mais a ver exatamente com os bregas da vida. Antes de mais nada, por causa da poesia popular e apelativa daquelas composições. Sempre descrevendo histórias — daí alcançarem um grande público, porque a narrativa tem começo,

meio e fim, sem maiores preocupações estéticas e poéticas — histórias essas, que envolvem casos de amor fracassados ou não.

Nomes de cantores, por sua vez, são muitos. Alguns com a estrela começando a luzir promissoramente, como por exemplo Fernando Luís, cuja música «Garotinha» é, atualmente, uma das mais executadas nas rádios AM, sendo o seu primeiro LP — lançado em agosto — um dos mais vendidos nas lojas de discos de Natal. Também Paulo Márcio, já no segundo compacto, está despontando como uma das promessas desse estilo musical. É bem verdade que Paulo Márcio tem contado com a força do irmão, Carlos Alexandre, um dos produtores do compacto.

No outro lado da mesa, estão aqueles com um público mais ou menos estável, como Evaldo Freire, Bartô Galeno — representante de Mossoró — Jessé Santiago (não confundir com Jessé, a voz), Maurílio Costa, Márcio Júnior, Getúlio, Carlos Santorelli, Macau, Carlos de Souza, Carlos Antônio, Jean Menezes e Geraldo Néry's. Estes dois últimos, enquanto o sucesso não desponta, continuam a exercer outras profissões: Jean é ascensorista do prédio do IPE, na Cidade Alta, e Geraldo é motorista de táxi com ponto no Alecrim. Inclusive, a música mais conhecida deste último,



Jean Menezes, ascensorista cantor

«Melô do Motorista de Táxi», é dedicada aos colegas de sua outra atividade. Por sinal, os motoristas de táxi formam um dos segmentos sociais mais representativos dos consumidores típicos dos discos e shows desses cantores, ao lado das empregadas domésticas e boêmios, em geral.

Embora o mercado seja dominado pelos homens — inclusive as tais mensagens das músicas deixariam descabelada qualquer feminista — há também algumas cantoras, como por exemplo, Francisdalva e Selminha, ex-mulher de Maurílio Costa. Quem voltar os olhos para o arco da velha, vai se lembrar que uma pioneira do gênero é potiguar: madame Núbia Lafayette. Núbia, diga-se de passa-

gem, já gravou em dueto com Fagner no LP-álbum «Soro», produzido pelo cearense choroso. Fagner, na opinião de muitos críticos musicais é cantor de brega.

E não apenas Fagner, mas também Roberto Carlos é considerado cantor de brega. E não adianta os fãs do «Rei» — uma expressão brega, — reclamarem. Não são apenas os críticos musicais mais ranzinhas, como Maurício Kubrusly, que fazem tal afirmação. Os próprios cantores entrevistados pela RN/ECONÔMICO, vozes autorizadas porque são do ramo, garantem que Roberto também é brega. O fato dele ser cantor de motéis parece não deixar dúvidas. Mas, afinal qual o mal em ser cantor de brega? Os entrevistados não vêem mal nenhum.

CACHAÇA, MULHER E ROTINA — «O meu público é povão, a massa, o cara que gosta de cachaça e mulher», afirma Carlos Alexandre, enquanto se espreguiça na rede de dormir, armada na varanda de sua casa no conjunto Jardim América, reformada e com um imenso muro preto (não, não, o seu veículo não é um Fuscão preto, é uma possante e moderna moto vermelha). E, diante da observação, «então, todo mundo é seu fã, porque a maioria do povo gosta de cachaça ou de mulher», Carlos

Brega, o gosto popular que agora é chique

Tudo indica que o brega é kitsch. O que é brega? O que é kitsch? São duas coisas difíceis de se conceituar. Brega, antes de mais nada é sinônimo de beréu — tipo de boate popular. Existem outros conhecidíssimos sinônimos para a palavra, mas basta este. Hoje, como muito bem coloca o jovem poeta natalense, João da Rua, o conceito de brega se ampliou. É sinônimo de música do povão. Além do mais, se depender da vontade do cantor e compositor Eduardo Dusek, está ampliado, já que ele inventou duas palavras: «o brega chique» e «chique brega». A proposta de Dusek, embora pareça ser novidade, não é.

O movimento modernista de 1922, através dos seus mais repre-

sentativos poetas (como por exemplo Oswald de Andrade), já se apercebia da complexidade cultural brasileira, de seus aspectos kitsch ou de mau gosto. Daí Oswald, antropofagicamente, saudar a contribuição milionária de todos os erros, entre outras propostas estético-nacionalistas. Idéias que seriam retomadas pelo Tropicalismo, cerca de 45 anos depois, através de poetas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto e outros. Agora, Dusek volta, irreverentemente, a essa poetização do mau gosto popular. Com uma diferença: apenas sorrindo, sem apontar saídas.

Dizem que a classe média gosta disso: apontar a careta dos outros. Mas será que ela não é mais

careta — cafona, kitsch — do que quem ela aponta? Porque pelo menos o brega — ou cultura brega — seria uma coisa mais autêntica, ainda que muitas vezes se assemelhe a um subproduto da indústria cultural. Mas não é modismo. Pelo contrário: daí emanam os arquétipos formadores da vasta cultura brasileira, que por sua vez é uma cultura em formação.

E é daqui da região, e até mesmo de Natal, de onde parte esse tipo popular de cultura. Através da música, que é a arte que une todas as classes sociais. Quem viu o filme «Retratos da Vida» pode comprová-lo. Hoje, a música dita brega é uma realidade. E nela, Natal tem uma posição de destaque, por seu grande número de cantores a representá-la. Só se espera que não se confirme as palavras do professor de Estética e Arquiteto da UFRN, Eugênio Mariano, para quem Natal tem um grande potencial para o kitsch.

Alexandre sorri, balança a cabeça afirmativamente, e completa seu raciocínio: "O espírito do povão está em todo lugar. Tem muita gente da classe A que gosta de Carlos Alexandre". Convidado a dar um exemplo, não perdeu tempo e deu um bem sarcástico: "Muitas vezes autografei para caras ricos, de motorista particular, que pede para empregada, cujo nome é... João". E ri outra vez.

Sem o menor pingão de modéstia, Carlos Alexandre afirma que ganhou 11 discos de ouro — até aí, parabéns — mas arremata em grande estilo: "Dois no programa do Chacrinha, dois em Raul Gil, da TV Bandeirantes, e o resto na própria gravadora, para não virar rotina estar na TV pegando disco de ouro a toda hora, porque senão vão dizer que é o mesmo!"

Carlos Alexandre já gravou e lançou no mercado sete LP's, um dos quais em homenagem a Evaldo Braga, um dos maiores nomes desse gênero musical, sendo considerado por muitos como «rei» desse ritmo. Ele garante já ter vendido um total de um milhão e cem mil cópias de discos. Os sucessos mais conhecidos são: «Arma de Vingança», «Feiticeira» e — não por mera coincidência, uma outra com tema parecido: «Ciganinha». O seu mais novo hit é «Vem Ver Como Eu Estou», título do seu mais novo disco. Depois de seis anos de carreira, a sua gravadora — a RGE — resolveu apostar no novo disco à nível nacional e investiu Cr\$ 80 milhões em comerciais na televisão. "Com a certeza de vender 200 mil cópias antecipadamente", arremata o cantor.

Como não poderia deixar de ser, ele comenta sobre Eduardo Dusek e sua mais nova proposta musical — a do «Brega Chique e Chique Brega». Para Carlos Alexandre, "Dusek quer cantar brega sem saber. Não acho que para cantar nesse estilo precise esculhambar com a empregada doméstica. Ele foi muito infeliz, porque a empregada doméstica é uma das maiores compradoras dos nossos discos e acho que, sendo agredida, ela não vai comprar seus discos". E sugere: "Ela comprará o disco que tenha música que fale de amor..." Colocando mais uma pitadinha de polêmica em suas declarações, afirma despidamente que Roberto Carlos é brega. "Ora quem fala de cama, lençóis, amantes, é muito brega". Usando a terminologia dusequiana, acrescenta ainda que Roberto é chique brega e Dusek, agora, é o brega

que quer entrar no chique — "mas está difícil". E cita nomes, precursores do estilo: Evaldo Braga, Altemar Dutra, Maysa, Anísio Silva.

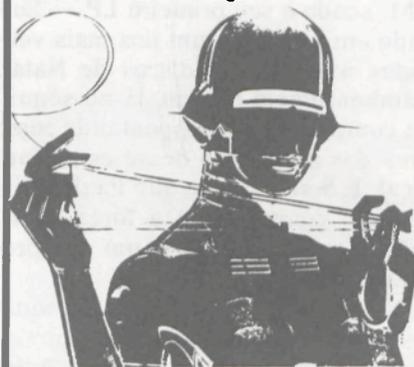
NO RITMO DA DANÇA — Os 11 anos de batalha e mais a experiência como **disck-jockey** da Rádio Trairy (hoje, Rádio Tropical), conferem a Fernando Luís autoridade para explicar mais detalhadamente esse estilo musical e desvendar os segredos da máquina industrial do setor. O seu caso é um bom exemplo de que todos estão mais interessados no sucesso e no lado comercial da coisa. O seu primeiro LP, gravado em oito canais na Gravasom, de Belém do Pará, custa em média seis mil cruzeiros, enquanto um LP comum, gravado em 16 canais e com uma produção mais cara, não chega ao consumidor por menos de 10 mil cruzeiros.

"O comprador não é exigente: compra pelo balanço da música e pela letra romântica, que têm que lhe agradar e ter afinidade com sua personalidade", explica Fernando Luís. Dando um exemplo, afirma que "se um consumidor típico desse tipo de música passar em frente de uma loja e escutar uma dessas músicas que lhe agrada, ele faz pouca questão até de saber quem é o cantor. Isso, aliado ao fato de os discos serem vendidos a preços populares, motiva-o a comprar". O que dá bem uma idéia do lado industrial da coisa e também do grande número de cantores disputando o mercado.

Fernando começou sua carreira como **crooner** do conjunto «Apaches», há cerca de doze anos atrás. Foi para o Rio de Janeiro em 1973, onde morou até 1981. Lá, ele foi **crooner** em **boites** na Praça Mauá e Cinelândia, áreas boêmias da noite carioca. Mas isso estava rendendo pouco dinheiro, então ele foi obrigado a exercer outra atividade: de vendedor de livros, durante o período de 76 a 79. Ainda em 79, ele participou do programa do Chacrinha, na condição de calouro, e ganhou o prêmio de melhor intérprete das músicas de Roberto Carlos. Comentando sobre a influência de Roberto em seu estilo, Fernando confessa que já teve pretensão de ser um novo Roberto Carlos.

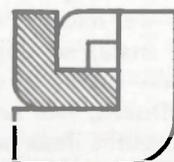
"As revistas Contigo, Amiga e outras gostam de colocar Gilliard como sucessor de Roberto Carlos. Mas não acredito que Roberto terá sucessor", coloca ele. "Antes, eu sonhava em ser um ídolo. Hoje, quero apenas fa-

COMERCIAL JOSÉ LUCENA A FERRO E AÇO



A Comercial José Lucena acaba de inaugurar mais uma filial, um grande espaço de 1.700 m², especializado em ferro e aço. É mais uma alternativa que a empresa oferece ao mercado natalense (construtores, empreiteiros, serralheiros, imobiliárias, repartições públicas e ao público em geral) com a vantagem dos preços, dos prazos, da qualidade e da entrega automática com que a Comercial José Lucena sempre brindou a sua clientela. Aliada a tudo isso a tradição de 50 anos que a empresa detém na praça. Na qualidade de Distribuidora da CSN — Companhia Siderúrgica Nacional — a nova loja comercializará chapas pretas e galvanizadas. De outros fornecedores venderá ferro para construção civil, ferro quadrado, chato, barras e cantoneiras. Venha visitar as instalações da mais nova filial da Comercial José Lucena. Para aqueles que sempre acreditam no nosso trabalho, garantimos preçinho amigo, prazo atraente, qualidade comprovada, além de um forte abraço.

Meio século fornecendo qualidade



**COMERCIAL JOSÉ
LUCENA LTDA.**

Agora também com a loja de ferro
Av. Presidente Bandeira, 882,
Alecrim — Fone: 223-4820

zer sucesso, fazer nome pelo menos nos Estados da Região Nordeste, como Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará". A batalha para Fernando Luís chegar a seu primeiro LP, é bem verdade, não foi fácil mesmo. Hoje, seu disco é um dos mais vendidos nas lojas da cidade. Motivo suficiente para Carlos Alexandre ter feito essa declaração, mas não na presença de Fernando Luís: "Fernando está começando muito bem. Com mais uma forcinha, ele chega lá".

Na realidade, Fernando Luís não está começando agora, isto é, este não é o seu primeiro disco. Ele já gravou, há alguns anos atrás, um compacto com duas músicas **dor-de-cotovelo**: «Onde Ela Está?» e «Padre, Pare o Casamento». Indagado se essas duas e suas outras músicas eram brega, Fernando não discorda mas acha que "o rótulo não se encaixa". Para ele, o estilo brega é um romantismo mais agressivo, mais vulgar, o que se pode facilmente perceber a partir mesmo dos títulos, como esse por exemplo: «Te Peguei No Flagra» Não esconde, entretanto, que o seu LP tem uma única música que ele considera poder se encaixar no rótulo: «Um Gole a Mais», de Alípio Martins, que também é cantor e foi produtor do primeiro LP de Fernando.

Também criticando a proposta de Dusek, declara: "Ele não é autêntico, e o povão não compra porque não se identifica. A classe A não compra por preconceito. Acho que a classe A, inclusive, nunca vai comprar". Como exemplo autêntico de cantor do gênero, ele cita aquele que faz o «Cantor Mascarado» no programa do Chacrinha. (O próprio Roberto Carlos, no início de sua carreira, fez o «Cantor Mascarado» no Chacrinha). Além do Velho Guerreiro, os cantores de brega freqüentam outros programas da TV, tipo Gaul Gil, Programa do Bolinha e Festa Baile, todos produzidos em São Paulo. Um outro bom local para apresentações musicais é a Feira de São Cristóvão, no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, ponto de encontro de nordestinos que moram na (ex) Cidade Maravilhosa.

ENQUANTO O SUCESSO NÃO VEM — Geraldo Néry's (com após-trofo, mesmo) iniciou sua carreira há um ano, quando lançou pela Fermata seu compacto simples com as músicas «Melô do Motorista de Táxi» e «Jogo de Amor». De lá para cá, ele calcula — segundo informações da

gravadora — já ter vendido 10 mil compactos. Enquanto o sucesso não vem, Geraldo trabalha como motorista de táxi. "O cara que esta começando, que nem eu, ter que ser muito humilde", assegura Geraldo, cabelos louros e encaracolados, jeito de surfista. E o sucesso virá, acredita ele, até o fim do ano, quando estará gravando seu primeiro LP.

Durante a entrevista, num bar da Rua da Feira, no Alecrim, estavam presentes os parceiros de composição de Geraldo: Raimundo Mário e Luciano Francis. (O repórter indaga à moda de Chacrinha a Luciano: você é irmão de Paulo Francis? Ele gosta da brincadeira e sorri calado). Geraldo, após a chegada dos dois compositores, retoma a entrevista, e **adianta o**



Fernando Luís, ainda disc-jockey

nome do seu próximo disco: «Dois Em Um Só Coração», título de uma das composições, de autoria de Raimundo Mário e Geraldo Néry's. Já a composição «Melô do Motorista de Táxi» é assinada apenas por Geraldo. "A turma de motoristas me incentivou muito", reconhece o cantor. Considerando essa «Melô» brega, esclarece que como um dos principais ingredientes musicais, o «chacundun» — que é o balanço invariável da guitarra e bateria.

Geraldo explica que não teve muitas facilidades para gravar seu compacto. Pelo contrário: teve que desembolsar Cr\$ 500 mil para gravação do **tape**, na Rozemblit de Recife, numa produção conjunta de Néry's e Breno Ramos, **disc-jóquei** da Rádio Continental, de Recife. "Confiei no meu talento", justifica ele. Com o **tape** gravado saiu à procura de uma gravadora que se interessasse pelo material. Entrou em contato com

duas gravadoras, que ficaram de responder em 30 dias. Mas ele não teve paciência de esperar e 20 dias depois conseguiu fazer um contrato com a Fermata. Hoje, garante já ter tirado o dinheiro dos custos.

Geraldo acredita que pode ser classificado como cantor de brega. "Porque o povo mais humilde gosta desse tipo de música". Em sua opinião, por exemplo, o povão nunca vai comprar um disco de Milton Nascimento. "As músicas de Milton são mais difíceis do povo entender. Pode ser que uma ou outra faça sucesso junto às pessoas do povão, mas isso é exceção à regra. Se eu for cantar numa cidade pequena do interior do Estado, tipó Jandaíra, e quiser cantar uma música de Milton, corro risco de sair **apedre-**



Carlos Alexandre: mulher e cachaça

jado". Já um cantor como Ritchie, que alcança o público de Milton, é considerado por Néry's como mais popular. Porque suas letras contam histórias com começo, meio e fim, tipo "as músicas que eu gosto de cantar".

"Se eu pegasse uma letra dele" (a parceria é com o poeta marginal Bernardo Vilhena), continua Geraldo, "como aquela «Menina Veneno» e colocasse música, faria sucesso como brega". Cita ainda que o clássico da MPB, «Bandeira Branca», foi gravado por Waldir Ramos em ritmo de brega. Ao contrário dos outros dois cantores entrevistados, Néry's acredita que Dusek deu conta do recado ao gravar música brega.

IRMÃO FAMOSO NA FAMÍLIA — «Sou Todo Seu» é o título do segundo compacto do irmão de Carlos Alexandre, o cantor Paulo Márcio, também residente aqui em Natal. O compacto

Desemprego no Rio Grande do Norte

GARIBALDI FILHO

Um dos mais sérios problemas sociais em nosso Estado é o desemprego. Senão o mais cruel. Apesar do Rio Grande do Norte defrontar-se, ao mesmo tempo, com altas taxas de mortalidade infantil, com elevados índices de evasão escolar nas escolas públicas (indícios de subnutrição das crianças), com uma das menores expectativas de vida no País entre adultos, com uma das menores rendas per capita da América Latina, com uma receita tributária direta que decresce vertiginosamente, nos últimos anos, em relação a outros Estados da região, etc. Os dados, deste modo, ressaltam e emolduram uma realidade sócio-econômica desesperadora. Infelizmente.

Entretanto, o Governo Federal somente se preocupa em apurar e acompanhar a questão do desemprego, de maneira precisa, nas chamadas oito grandes regiões metropolitanas do País. As demais não compõem, ainda, o elenco de prioridades do Governo para a adoção de uma eficiente política de emprego e de aproveitamento adequado de mão-de-obra. Sobretudo em função de suas habilitações e vocação.

Diante disto, em Estados como o nosso, os SINES (Sistema Nacional de Emprego) resolveram levantar o problema amparados, exclusivamente, nos dados mensais do Ministério do Trabalho, o qual procede ao Cadastro Geral dos empregados e desempregados em obediência às disposições da Lei 4.923/65. O resultado, apesar do elogiável esforço, é falho e incapaz de subsidiar uma política de absorção de mão-de-obra. Principalmente porque registra, apenas, informações sobre emprego formal, compulsando carteira profissional assinada conforme a legislação vigente no País.

O SINE do Ceará foi mais realista. Conseguiu fazer um trabalho mais abrangente. Numa pesquisa sobre desemprego e subemprego, considera os vendedores ambulantes, biscateiros, engraxates, feirantes, lavadeiras, vendedores de ilusão (Loto, jogo do bicho, Loterias, etc), barraqueiros, empregados domésticos, como o grosso da força de trabalho no Nordeste. Principalmente em suas cidades. Estes são os subempregados.

O SINE do Rio Grande do Norte informa, em seu Boletim n.º 2, que a situação do emprego, na mesma tendência do Nordeste e do resto do País, apresenta índices de crescimento positivo: 0,89% no interior (fruto do inverno) e 0,261% em Natal. A pesquisa foi realizada em julho deste ano. Estavam empregadas no setor formal de nossa economia, segundo o SINE-RN, na sua «Análise Conjuntural do Mercado de Trabalho», 162.486 pessoas, incluindo aquela evolução indicada anteriormente. Estes dados não foram confrontados, infelizmente, com a nossa população economicamente ativa (PEA), a qual, segundo o IBGE, em seu Censo Demográfico de 1980, era de 595.000 pessoas. Temos, assim, nesta confrontação, o resultado de que apenas 27% de nossa PEA (População Econômicamente

mente Ativa) estão empregados no setor formal da economia, enquanto 73% se encontram subempregados (conforme a classificação do SINE-Ceará) ou desempregados.

A situação em Natal, que continua a receber os inevitáveis contingentes de migrantes do interior, é realmente preocupante. Ainda que confrontemos os dados do SINE-RN e os do IBGE em 1980. Pois o SINE informa que em julho deste ano havia 114.497 pessoas empregadas no setor formal da economia, enquanto a PEA da cidade em 1980 era de 220.149 pessoas. Resultado: no mínimo 49,2% da população economicamente ativa (PEA) de Natal estão no subemprego ou no desemprego.

Segundo Aluizio Alberto Dantas, em trabalho publicado nesta «RN/ECONÔMICO», esta situação se tornou uma constante em nosso Estado ao longo da década de 70 e mantém a mesma tendência na década de 80. Ele pondera que é questionável o processo e a natureza do crescimento ou do modelo econômico executado no Rio Grande do Norte. O Rio Grande do Norte foi o Estado nordestino a apresentar o maior índice de redução da força de trabalho no setor primário (- 0,6%) — isto é, um resultado negativo. Ao mesmo tempo foi o Estado que apresentou o maior crescimento de sua População Economicamente Ativa (PEA). Oferecemos menos emprego para uma população que cresce mais proporcionalmente em todo o Nordeste. Estes resultados conduzem a graves consequências por refletir um esvaziamento da força de trabalho e da população no meio rural e uma «inchação» no meio urbano. Por fim, o estudioso esclarece que na década passada a expansão do produto real do Rio Grande do Norte foi de 11,5%, e enquanto o desemprego e o subemprego atingiram 84,2% da População Economicamente Ativa. Trágica dimensão do nosso subdesenvolvimento.

Eis por que reiteramos apelo formulado nesta revista ao Governador Agripino Maia no sentido de contribuir, decisivamente, para um amplo reexame, uma discussão de alto nível, com a participação de todas as forças ativas de nossa economia, das lideranças empresariais e sindicais, da Universidade, de órgãos da Igreja, acerca do modelo econômico ainda hoje aplicado no Nordeste e, principalmente, no Rio Grande do Norte. Por outro lado, o Governador, logo após sua eleição, em 1982, afirmou seu compromisso de adotar uma política econômica capaz de gerar não apenas 2 ou 3 mil empregos, mas 100 mil novos empregos neste Estado. Certamente, o Governador reconheceu a magnitude e a dimensão que o desemprego assumiu no Rio Grande do Norte. E hora, portanto, de fazer-se algo de concreto, conjugando-se todas as forças que assumem responsabilidade pelo futuro do nosso povo e de nossa gente.

foi lançado em junho último, e Paulo afirma tê-lo gravado com a intenção de atingir mais o povão. Só que, para ele, o disco está atingindo mais o público jovem (do povão). Ele acha que isso está acontecendo mais por causa do balanço da música, que "é uma mistura de reggae e carimbo". Acrescenta, ainda, que a outra faixa, intitulada «O Que É Que Eu Faço», é uma letra caracteristicamente de fofa e "vai de encontro (sic) aos corações apaixonados".

Paulo Márcio, moreno e com aparência de índio — Carlos Alexandre diz que a família realmente descende de indígenas —, camiseta, jeans, sapatos e óculos escuros, cantarola a letra de «O Que É Que Eu Faço»: "O que é que eu faço/o que é que eu faço/se neste momento/ela está em outros braços/o que fazer, não sei/o que fazer/estou sofrendo/e não posso lhe dizer". Para ele, como a mensagem é fácil de se entender, o povo se identifica de tal maneira que usa a música para expressar seus sentimentos amorosos. "A música fala pela pessoa, seja homem ou mulher".

Também Paulo Márcio já tem algum tempo de batalha. "Comecei primeiro do que meu irmão", revela ele. A primeira experiência junto ao público foi quando participou de um programa de calouros na então Rádio Trairi — «Cantor Onda Jovem 76», de Ajosênildo Alves. Ganhou o pri-

meiro lugar. Antes, porém, que a coisa vingasse, ele trabalhou no comércio. "Trabalhei duro e fiz tudo que era preciso para sobreviver..." E, apenas agora ele acredita que a oportunidade maior está se concretizando.

Paulo Márcio, em seu show na «Luar do Sertão», **boite** do Alecrim, recebeu há pouco tempo o troféu «Cantor Revelação do Ano» e seu irmão ganhou o de «Melhor Cantor Romântico». E, mesmo assim, não vê nenhuma rivalidade entre ele e Carlos Alexandre. "Pelo contrário, ele foi um dos produtores deste meu último disco. Foi quem me colocou na RGE". Entretanto, ele confessa que, quando seu irmão gravou seus primeiros discos, e ele ficou em Natal batalhando no comércio, "muita gente chegou para fazer fofoca a respeito. Apenas quando fui ao Rio para gravar esse disco é que pude ver que as dificuldades são muitas".

A primeira experiência discográfica de Paulo não foi muito animadora. "O primeiro compacto eu gravei aqui em Natal, em 1982, na Tonison. As músicas eram «Vou Te Conquistar» e «Coisa Louca», mas o disco só vendeu cerca de dois mil. O que mal deu para tirar os custos. Agora, é diferente: a RGE colocou 60 mil cópias do seu compacto no mercado e distribuiu-o em todo o Brasil. □

JÓIS ALBERTO

RELIGIÃO

Sem polêmicas, Pe. Cortez concilia Deus e política

No Rio Grande do Norte tem quem possa se sentir, de forma direta, atingido pelas advertências feitas pelo Vaticano quanto à Teologia da Libertação, mais especificamente o envolvimento de padres com política partidária. Exercendo seu segundo mandato de deputado pelo PMDB, o Padre José Dantas Cortez continua sua ação sacerdotal nas regiões do Seridó e Trairy, para onde viaja todo final de semana, na sexta-feira, para voltar na segunda à noite, começando sua ação parlamentar na Assembléia Legislativa.

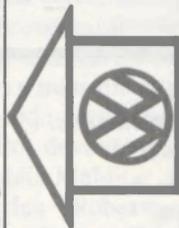
O deputado é vigário paroquial em Currais Novos, junto com o Padre Onio Caldas de Amorim e o pároco de Santana, Ausônio de Araújo Filho,

subordinados à Diocese de Caicó. Padre Cortez é ainda capelão de uma empresa de mineração, e atende pastoralmente a capelas rurais de Boa Vista e São Sebastião (antigo Molungu). Toda segunda-feira, às 9:30 horas, Padre Cortez celebra a Missa dos Agricultores, transmitida ao vivo pela Rádio Currais Novos.

Ele não aceita que se diga que o Vaticano condenou os que assumem uma ação baseada na Teologia da Libertação, argumentando que na verdade, o Papa deve ter uma visão e ação de pastor de todos que compõem "o povo de Deus", "evitando os exageros de ambas as partes: a mais tradicionalista e a mais renovadora". E arremata depois: "Se, no

PEÇAS PARA VOLKSWAGEN E FIAT

A Casa do Volks já é um ponto de referência no comércio de peças e acessórios para Volkswagen e Fiat, em Natal. Agora, uma boa notícia para sua clientela: a Casa do Volks é distribuidora da caçamba reboque Ribotta, fabricada em São Paulo. Os modelos das caçambas Ribotta são especiais para praia e campo, usados também em várias utilidades, como depósito para gelo, converte em armário, espaço para pneu de suporte. Capacidade para 300 quilos de carga. Facilmente adaptável a todos os tipos de carros.



CASA DO VOLKS

Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488



UM PRESENTE DE 15 ANOS

*A sua revista
está fazendo 15 anos.
Venha participar
desta festa
que é nossa,
que fala da gente,
que conta as coisas boas
da terra da gente —
documenta, registra,
enaltece e critica
com isenção e seriedade,
tem um grande público,
muito bom conceito
e, sobretudo, merece confiança.
São 15 anos de jornalismo
especializado feito
com a prata da casa,
revelando valores novos,
consagrando nomes da terra,
enfim, servindo a cultura
e estimulando o desenvolvimento
do nosso Rio Grande do Norte.
Junte-se a nós,
venha participar
da festa mais potiguar
de nossa cultura
ao lado de quem acredita
no futuro do Rio Grande do Norte.
Faça agora sua assinatura
da nossa revista
RN/Econômico.
Preencha um cheque nominal
de Cr\$ 15.000,00 em favor
de RN/Econômico Empresa
Jornalística Ltda.
e remeta-o à Rua São Tomé, 421,
Centro — CEP 59.000 —
Natal (RN),
durante um ano
você vai acompanhar de perto
a história da sua terra.*

RN/ECONÔMICO
EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA.
RUA SÃO TOMÉ, 421 - TEL. 222-4722 CEP 59.000
NATAL-RN

1 (UMA) ASSINATURA ANUAL

NOME _____

END. DE RECEPÇÃO _____

CIDADE _____

ESTADO _____ CEP _____

TELEFONE _____

DATA ____/____/____

seio da Igreja, houver a verdadeira fraternidade, e o espírito de colaboração, as divergências, que são acidentais, não prejudicarão o essencial, que é o programa de salvação do povo de Deus”.

Apesar de declarar que não segue nenhuma das correntes da Igreja, que se dividiu em tradicionalista e renovadora, o deputado encampa as idéias de quem defende uma Igreja mais voltada para o espiritual do que para o político, deixando margem para defesa de sua condição de padre e deputado. Indagado sobre sua posição acerca da possibilidade de conciliar religião e política, o deputado prefere falar de si mesmo: “Agradeço a Deus o dom que ele me deu de, tanto na ação política como na pastoral, não ser fator de divisão, e sim de união”.

Não há lugar para suspeita quanto ao respeito que têm os sacerdotes, principalmente em cidades do interior. O próprio deputado oposicionista admite essa influência na sua eleição: “O povo escolhe os seus líderes analisando a ação de cada um. Certamente, a minha ação pastoral deverá



Pe. Cortez: rebanho de eleitores

ter influenciado nas minhas primeira e segunda condução à Assembléia. Agora, é importante frisar que fator preponderante é a amizade que eu procuro sempre alimentar com todos, quer do meu partido, quer de qualquer outra agremiação. Defendo o entendimento, a compreensão e a prestação de serviço a todos”. □

CULTURA

Natal ainda está ao largo das opções culturais

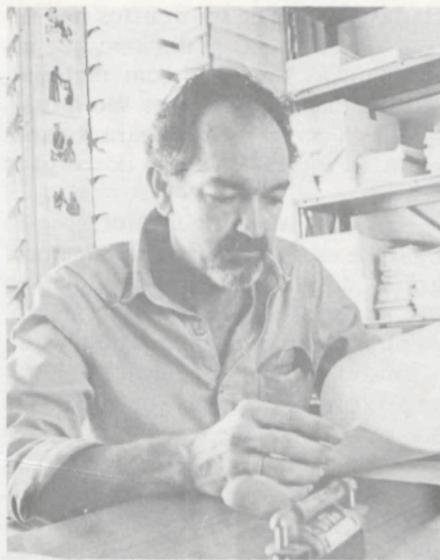
Com seus quase 500 mil habitantes — dos quais boa parte tem um nível cultural razoável — e a freqüente presença da figura do turista, principalmente no período de férias escolares, Natal ainda passa ao largo de capitais nordestinas como Recife e Salvador em termos de opções culturais. Há quem esteja desencantado (e isso acontece com mais freqüência entre pessoas de outros Estados que aqui vêm morar) com o que a cidade tem, ou não tem, para oferecer em termos de lazer e, mais especificamente, de cultura. É bem verdade que o número de grupos teatrais aumentou nos últimos cinco anos, e até um novo teatro — o Jesiel Figueiredo — foi criado há pouco tempo. Em contrapartida, esses grupos enfrentam sérias dificuldades financeiras, falta de apoio oficial e conseqüente descrédito do público local. Além disso, há de se observar que o número de cinemas diminuiu, e um exemplo disso é o Cine Rex, que fechou este ano.

Há quem diga que opções culturais existem, mas falta qualidade. O Teatro Alberto Maranhão, o maior, o melhor e mais antigo (para a grande maioria, o único) teatro da cidade está com sua pauta cheia, principalmente agora, quando se aproxima o final de ano, e os espetáculos que se apresentam são de grupos locais. As companhias de fora, informa Iaperi Araújo, diretor-superintendente do TAM, estão começando temporada no eixo Rio-São Paulo.

Não se pode negar que há tentativas de artistas da terra de mostrar e valorizar seus trabalhos, porém tudo tem esbarrado nas dificuldades financeiras não só dos grupos; o público, evidentemente, tem de pagar ingresso para ver um espetáculo. Nesse aspecto, Iaperi Araújo destaca o trabalho da Federação de Teatro de Amadores do Rio Grande do Norte (FETERN), que está fazendo com que cresça a movimentação de grupos teatrais não só na capital, como no Estado. Ele acha que está faltando a

devida valorização do público das coisas nossas. E isso é tanto verdade, que basta ver o TAM em dia de apresentação de espetáculos de fora, especialmente se o elenco for formado por atores globais. A qualidade da peça é deixada de lado, e o público vai em massa ver de perto, ou ao vivo, seu ídolo do dia-a-dia.

MÚSICA — Embora atraia um maior número de espectadores, os **shows** musicais são poucos, exceção feita àqueles que são trazidos pelo Pinga Promoções para o Palácio dos Esportes, onde a quantidade de pessoas é vista como prioritária, em detrimento da qualidade da estrutura local. No início do mês de outubro, a moçada natalense foi «presenteada», numa mesma noite e mesmo espaço, com Baby Consuelo, Pepeu Gomes e Jorge Ben, beneficiando somente a geração dançável. Contudo, nos dois teatros existentes na cidade, a música tem sido coisa rara.



Tarcísio Gurgel: água da pedra

Por outro lado, os músicos locais estão agora com uma grande oportunidade de mostrar seus trabalhos, através do Projeto «Noites Potiguares», patrocinado pela Funarte, rece-

bendo apoio da Prefeitura de Natal e executado pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura. O «Noites Potiguares», cujo início estava previsto para 30 de outubro, pretende ajudar os músicos da terra, dando oportunidade de apresentação oferecendo o TAM e toda estrutura necessária para um **show**) e mais um cachê.

Durante todo este mês de novembro, portanto, deverão se apresentar Raul e Alcatéia Maldita, Antônio Ronaldo, Carlos Roberto Ventania, Cleudo Alves Freire, Odaíres, Jorge Macedo, Babal, Galvão e João Galvão, Ana Fernandes, Fernando Antônio Botelho e Aluizio Brito Bezerra. Nesta seleção, feita com antecedência pelo TAM, faltam muitos músicos que batalham para ver reconhecido seu trabalho, mas haverá movimento bastante nas noites natalenses.

BARES — A noite natalense praticamente tem se resumido à presença de bares, que têm proliferado bastan-

“Conviver”, uma tentativa de sacudir o marasmo

Uns falam em falta de opção cultural, outros lamentam a falta de «agito» e os artistas reclamam da falta de espaço e de apoio para se beneficiar a arte e a cultura de nosso Estado. E é com a pretensão de “promover uma interação de saberes e manifestação cultural e artística entre a comunidade universitária e a comunidade como um todo” que deverão ter a “característica de verdadeiros agitos culturais” no entender de alguns dos participantes da promoção que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte iniciou, no último dia 19, a série «Conviver», no Centro de Convivência Djalma Maranhão.

A cada quinze dias e sempre às sextas-feiras, estão acontecendo encontros da série Conviver, que têm como objetivo específico promover a dinamização do Centro de Convivência como local destinado a lazer cultural e, de uma forma mais ampla, pretendem os organizadores que o evento se transforme em permanente fonte de interação do saber universitário com o popular. Partindo disso, é que a

Universidade tenciona, a partir do próximo ano, trazer as comunidades universitárias do interior do Estado, que terão oportunidade de mostrar seu potencial artístico-cultural.

O Conviver consta, portanto, de música popular e erudita, mostras de cinema, teatro e artes plásticas, literatura alternativa, feiras de livros, debates, poesia, serestas e até um painel em branco (stands), onde cada pessoa tem direito de se manifestar, seja através de poesia, prosa, desenhos, frases. E o livre pensar. Informa Tarcísio Gurgel, um dos coordenadores do evento, que a série dá direito à comercialização de objetos culturais, aberta à qualquer pessoa da comunidade norte-riograndense..

ABERTURA — A abertura do Conviver, que ocorreu no dia 19 de outubro, contou com presenças de peso, por exemplo, de um Patativa do Assaré, poeta cearense. Para a comercialização e exposição da produção artística, foi inaugurada, na oportunidade, a «Conviv’art Galeria», que funciona nas terças, quartas e quintas, de 09 às 13 ho-

ras, e nas sextas-feiras, de 09 às 17 horas.

A série Conviver é coordenada pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e por uma comissão composta por representantes da Pró-Reitoria Estudantil, Núcleo de Arte e Cultura, Diretório Central dos Estudantes, Associação dos Professores da UFRN, Associação dos Docentes da UFRN, Departamento de Educação Artística, Escola de Música e Cooperativa Cultural.

CURSOS — Além da Conviver, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através do NAC, tem tentado movimentar o marasmo em que vive a cultura do Estado promovendo cursos que são abertos também à comunidade. Para este mês de novembro, por exemplo, estão previstos curso de «Pintura de Campo» e uma oficina prática do Curso sobre Múltiplos, do Grupo Fluxo à Contemporaneidade, ministrada por Paulo Bruscky e J. Medeiros.

J. Medeiros, o irrequieto diretor do Setor de Múltiplos do NAC, também foi o responsável pela presença, em Natal, do tradutor (para o inglês) de Oswald de Andrade: Kenneth David Jackson, que ministrou um curso dias 22 e 23 de outubro, sobre «Oswald e o Romance de Vanguarda».

te — apesar da crise. No entanto, são alguns desses bares que têm criado opções para os habitantes dessa «cidade espacial». Basta lembrar o «Espaço Juruá», um bar com menos de três meses, localizado na Rua 2 de Novembro, onde existe um pequeno palco e onde se apresentam vários artistas, nos finais de semana. Os inúmeros bares com música ao vivo, embora não valorizem as composições da terra, são as opções mais procuradas principalmente pelo notívago.

A chamada cultura eletrônica, que pode não agradar aos mais radicais, tem caracterizado alguns bares. É o caso do «Barbaridade», na Felipe Camarão, cuja atração principal tem sido as sessões contínuas de «vídeo-

ciadas, apesar de seus custos não serem tão baixos. O pintor tem que arcar com as despesas com material, que na maioria dos casos são altíssimos, em contrapartida, para a exposição há um maior apoio dos órgãos oficiais.

Para Tarcísio Gurgel, professor da UFRN e escritor, «ainda há uma programação mais ou menos regular no campo das artes plásticas, significativo número de lançamentos de livros e a cultura popular, que ocupa seu espaço, com atividades permanentes dos cantadores que trabalham em regime de semi-profissionalismo». Ele destaca as atividades dos grupos folclóricos, com esporádicas ajudas oficiais, e lembra a série «Conviver», da

dade, a COART surgiu num momento em que todos queriam mostrar seus trabalhos e não sabiam como, nem onde. Com algum apoio da Fundação José Augusto, que cedeu um lugar para a sede da Cooperativa, eles se organizaram e hoje expõem seus trabalhos (livros e quadros, entre outros) e planejam novas formas de mostrar o que está sendo feito.

No momento, eles organizam a participação num concurso «art-door», que terá out-doors espalhados pela cidade, feitos pelos artistas locais. Para o final do ano, eles pretendem realizar mais um Festival de Arte, no Forte dos Reis Magos, e que nos últimos anos, sempre em dezembro, tem movimentado os artistas lo-



Na noite natalense...



... pouca variedade de opções

clips» e cinema em vídeo, onde se tem oportunidade de ver os últimos filmes que os cinemas de Natal não programam. O fenômeno dos vídeos, que chegou aos bares, é consequência da proeminência da televisão, que em muitos casos tem substituído o hábito de se ir ao cinema.

ARTES — Se a programação de teatro e cinema não é das melhores ou não satisfaz a maioria do público, não se deve deixar de reconhecer que os finais de semana são pródigos em lançamentos de livros e exposições de artes plásticas. Já se dizia, antigamente, que em Natal havia um poeta em cada esquina, e rara é a semana em que um poeta não esteja lançando o seu livro. Sem o mínimo apoio oficial, a exemplo do que acontece em outros campos, os nossos escritores bancam a edição de suas obras literárias, cujos lançamentos são feitos festivamente.

As artes plásticas são mais benefi-

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, iniciado no último dia 19, que tem a pretensão de reunir num mesmo espaço (o Centro de Convivência Djalma Marinho) a maior quantidade de manifestações culturais no âmbito da comunidade universitária e da comunidade como um todo.

De qualquer forma, Tarcísio Gurgel, que passou dois anos fora de Natal (fazendo Mestrado no Rio de Janeiro), acha que em termos culturais Natal poderia ter melhorado, mas reconhece as dificuldades «econômicas, de tal ordem que todas as entidades culturais do Estado, sem exceção, tentam extrair água da pedra para realizar alguma coisa».

COART — A COART — Cooperativa dos Artistas — diz Tarcísio, é um exemplo de resistência, no sentido de que uma quantidade significativa de artistas resolveram se unir e dinamizar a vida cultural da cidade. Na ver-

cais e da região, de uma maneira geral.

Por enquanto, uma pequena e inconformada parcela da população elitizada procura os grandes centros, principalmente nos períodos de férias (sejam de trabalho ou escolares), para usufruir do que chamam de eventos culturais. Outros, menos privilegiados e também inconformados, continuam «consumindo» o que Natal tem (ou não tem) para oferecer. E uma tentativa de solução a longo prazo — apesar de, hoje, ser isolada — é o trabalho mais concreto, contínuo e sério do artista potiguar, de maneira tal que possa enfrentar as adversidades provocadas até pelo monopólio cultural do eixo Rio-São Paulo, um dos fatores responsáveis pela quase insignificância cultural de nosso Estado — visto apenas como um dos recantos deste País que tem as mais belas praias e outros recursos paisagísticos para atrair turistas. □

CIONE CRUZ



Natal não tem lazer para idoso

CONJUNTURA

Discriminado e ocioso, o ancião não tem opções

Sexto país do mundo em número de idosos — atrás apenas da China, Índia, União Soviética, Estados Unidos e Japão — o Brasil conta hoje com um total de 7 milhões de idosos (pessoas com mais de 65 anos de idade). Além de enfrentar os problemas comuns a todas as camadas da população do País, sobretudo os das classes populares, esse expressivo contingente nacional vê-se às voltas com dificuldades próprias à sua condição etária: discriminação social, obstáculos intransponíveis de acesso ao mercado de trabalho, além do descaso familiar, que os condena à solidão e ao sentimento de improdutividade.

Ser idoso, portanto, não é tarefa fácil no Brasil. E eles o sabem perfeitamente, haja vista que, no dia 11 passado, patentearam suas dificuldades num documento endereçado à Nação, denominado «Carta Nacional dos Direitos dos Idosos». O advogado da causa foi o conhecido jurista Sobral Pinto, e os idosos reivindicaram à sociedade brasileira uma urgente mudança de enfoque sobre o problema deles. A começar pela própria famí-

lia, que é o “primeiro núcleo de isolamento e marginalização do idoso”.

OCIOSIDADE FORÇADA — No Rio Grande do Norte, não é menos



Solidão: problema maior

crítica a situação daquelas pessoas que atingem a chamada «terceira idade», isto é, a velhice. Cerca de 140 mil pessoas em nosso Estado já vivenciam essa situação e, a par das dificuldades gerais lançadas aos ombros do povo e que só fizeram aumentar nos últimos dez anos, o idoso norte-riograndense enfrenta os problemas comuns a seus compatriotas do resto do País.

Se aposentado, o idoso vê-se em meio às dificuldades de ter de adaptar-se a um salário menor, o que se reflete em menores oportunidades de lazer, visto que precisa dividir sua renda com os familiares para as despesas correntes. Isto, quando tem um lar onde viver. Quando não, o jeito mesmo é ir para um abrigo de velhos, e reaprender outros hábitos, numa época da vida em que isso não é muito fácil. Se desempregado, então, a vida do idoso é um drama num só ato que dura todo o resto de sobrevivência que lhe compete. De fato, as barreiras deixadas no caminho até o emprego para o homem de idade são de tal monta que poucos, raríssimos, mesmo, conseguem retornar à vida produtiva.

Mas as dificuldades de ordem material não são tudo na vida do idoso. É o que revela Francisca Doriela Félix, assistente social do Inamps que já desenvolveu atividades, junto a pessoas idosas, em programas comunitários da Secretaria de Saúde Estadual. Doriela destaca o problema da solidão e da falta de lazer como questões particularmente graves na vida do idoso. Observa que, no mais das vezes, os velhos são pessoas marginalizadas no seio da família. “Ninguém pede sua opinião nas decisões familiares”, diz. As oportunidades de lazer, por seu turno, tornam-se escassas porque a própria sociedade não reserva um espaço exclusivamente para este fim. Ademais, as dificuldades de locomoção — dada às suas condições físicas, que requerem cuidados especiais — desestimulam o velho à busca de diversão fora do lar.

VELHICE SOCIAL — “Biologicamente, o idoso é uma pessoa extremamente frágil, um cliente especial que carece de todos os cuidados de saúde”. A afirmativa é de Alzirene

Carvalho, ex-presidente da Associação Brasileira de Enfermagem — ABEN/RN — e lotada num posto de saúde do Inamps em Natal. Alzirene acentua, ainda, dentre os problemas vividos pelo idoso em nosso Estado, aqueles de caráter psicológico em consequência da discriminação a que é sujeito por parte da sociedade, que vê no velho um elemento improdutivo. O resultado disso, segundo Alzirene, é que o próprio idoso termina por se auto-discriminar e se isolar da sociedade, levando uma vida sem alegria e sem sentido. A enfermeira do Inamps observa que ser idoso é muito mais uma determinação social do que biológica, revelando que isso transparece perfeitamente na reação dos jovens diante de um homem de idade que ingressa na Universidade ou numa escola secundária. As pessoas olham isso como um fato extraordinário, digno do «Fantástico», constrangendo-o e muitas vezes levando-os a abrir mão daquele projeto.

Outro problema que Alzirene coloca como sério obstáculo na vida do idoso é seu reingresso no mercado de trabalho. O limite de idade exigido pelos concursos públicos é uma exigência profundamente injusta praticada contra o idoso e que, indiretamente, o coloca fora das oportunidades de revelar-se produtivo e útil à sociedade, complementa.

BUSCA DE INTEGRAÇÃO — De acordo com a ex-presidente da ABEN-RN, os órgãos públicos, excetuando a Legião Brasileira de Assistência — LBA, não atentaram ainda para a necessidade de assistir melhor o idoso naquilo que ele tem de carências e necessidades próprias. Mesmo a LBA, ressalta, atende apenas a uma pequena fração dos idosos no Estado, quando isso deveria ser extensivo a todos.

Apesar de enfrentar problemas de limites orçamentários, aliás comuns a todos os órgãos públicos em geral nestes últimos anos, a LBA desenvolve há sete anos, no Rio Grande do Norte, o Programa de Assistência ao Idoso que culmina, todos os anos, na Semana do Ancião, comemorada na última semana do mês de setembro.

De acordo com Edna Maria Lins Araújo, assistente social e chefe da

Divisão de Assistência aos Excepcionais e Idosos da LBA, a última Semana do Ancião foi a mais concorrida dos últimos anos, apesar das limitações de recursos. Ela explica o sucesso do evento dada a cooperação de diversos órgãos públicos e empresas privadas, mas sobretudo devido à participação maciça dos próprios interessados: os idosos.

Edna esclarece que a Programação Alfa — que coordena a Semana do Ancião e demais programas voltados para a assistência ao idoso — já atende hoje cerca de 10 por cento da população situada na terceira idade no nosso Estado. Observando que a cifra não é especialmente elevada, faz ver que é esse o limite permitido às con-



Ociosidade é um peso

dições financeiras da Legião para a realização de um trabalho satisfatório voltado para o idoso. E destaca, nessa programação, o fato de que hoje o idoso se encaminha à LBA não mais em busca de auxílio, mas sim com o objetivo de integrar-se à Programação Alfa, cujos fins principais visam a melhoria social do idoso, o restabelecimento dos seus laços familiares e o desenvolvimento de atividades prioritárias face à velhice.

CONVÊNIOS — Para alcançar seus objetivos, a LBA estabeleceu convênios com entidades de assistência ao idoso, duas delas localizadas no interior do Estado: uma em Mossoró — Instituto Amâncio Câmara — e o outro em Caicó — Abrigo Dispen-

sário Pedro Gurgel. Em linhas gerais, a conjugação desses programas propicia atividades de lazer e cultura, cursos os mais diversos — pintura em cerâmica, confecção de redes, técnicas de bordado, pintura em tecidos — e programas de integração do idoso com sua comunidade.

Ademais, a funcionária da LBA enfatiza a importância de atividades programadas diretamente na sede do órgão, como atividades ocupacionais (terapia ocupacional), e atividades sócio-culturais como grupos de leitura, ginástica, coral, folclore, teatro, horticultura, jogos, danças, painéis, etc.

E enfatiza que, hoje, a concessão de auxílios, embora continue a ser pertinente à LBA, não é mais seu objetivo prioritário.

MARGINALIZAÇÃO — Para a assistente social da LBA o idoso é alvo, na sociedade brasileira, de uma orquestração surda de discriminação, que começa no lar e não acaba na concessão da aposentadoria. Suas ramificações se manifestam desde o comportamento das crianças face ao homem de idade, até o isolamento forçado a que ele é coagido devido à falta de opção. Para Edna Araújo, porém, o idoso é na verdade uma pessoa igual às outras, posto que mais velha. Observa que eles gostam de dançar, cantar, representar, namorar e casar, inclusive, como os mais jovens, o que ela já teve oportunidade de perceber em inúmeras ocasiões durante os programas desenvolvidos na Legião. O que falta ao idoso é maior compreensão por parte da sociedade, diz. Lamenta que aí seja mais valorizado o ter do que o ser e reconhece que é difícil ajudar o idoso sem mexer nos conceitos que a sociedade produz e divulga a seu respeito.

Nesses tempos de crise, o orçamento da LBA não escapou às restrições econômicas, mas, conforme observa a assistente social, essas deficiências vêm sendo compensadas pela maior experiência adquirida nos anos anteriores no que toca aos programas voltados para o idoso no âmbito da Legião. “Temos utilizado melhor os recursos e, com isso, o resultado técnico do trabalho sofreu sensível melhora”. □

Universitas Quae Sera Tamen (final)

PEDRÓ SIMÕES NETO

A receita carregou muito no fermento — de resto, emprestado — e o País inchou. A Universidade ficou com as sobras do bolo. Porque o autoritarismo teme a inteligência. Livre pensar, como diz um filósofo nativo, é só pensar. A inteligência não pode ser contida.

Fara formar os quadros dirigentes do País não é suficiente a transmissão de conhecimentos, mas a indução dos aprendizes à reflexão sobre o próprio País, orientando-os à percepção da realidade nacional, sem renegar a perspectiva universal. Sobretudo, sem perder de vista o contexto regional — o seu habitat. É função própria da Extensão. Ampliar os horizontes do Ensino formal, realimentando-o com informações extra-curriculares, não apenas de caráter utilitário, mas sobremodo político. Integrando, relacionando o aprendiz com o seu ambiente, fazendo-o refletir criticamente sobre a problemática local.

Para formar os quadros dirigentes do País e servir ao propósito de subsidiar na solução dos problemas nacionais, não basta somente transferir conhecimento, mas produzi-lo de modo a satisfazer as peculiaridades regionais. Até mesmo para que o País não seja comandado por interesses alienígenas, em razão da extrema dependência tecnológica. É onde começa a tarefa da Pesquisa.

É importante não perder de vista a perspectiva histórica. Tampouco a institucional. Eis porque, mesmo servindo aos mais legítimos interesses sociais, a atuação universitária será sempre um campo de aplicação acadêmica.

Não é suficiente a intenção de servir aos propósitos sociais, mas é necessário uma definição programática, cujo referencial teórico fosse, por exemplo, a integração da Universidade à comunidade. Mais ainda. Um nível de supervisão e avaliação supra-universitário capaz de mensurar o resultado da intervenção, em termos de transformação, de mudança qualitativa. Ao par do proveito acadêmico.

TEORICISMO E ALIENAÇÃO — Há críticas severas ao suposto alheamento universitário. Alienação. O acadêmico, na melhor das hipóteses, seria um teórico. Na pior, um indiferente presunçoso, preocupado tão somente com o seu erudito mister e suas divagações filosóficas.

Nada tão falso. Nem tão intencionalmente difundido. Não é o cantor quem desafina. A canção que é mal elaborada. É a Universidade, como modelo, que flutua, indecisa, ao sabor dos mais variados humores. É preciso que se reflita sobre a estrutura de Poder e suas extensões, para redistribuir as responsabilidades de forma correta.

Minha experiência pessoal como Pró-Reitor, atestou que há uma disposição interna favorecendo à participação, à integração universitária no contexto regional. Como igualmente comprovou que existe uma reação sistemática do poder político formal a essa participação. Que desestimula e refreia as iniciativas universitárias a qualquer sinal de constrangimento ou ameaça ao sistema. Por isso mesmo descaracterizam a Universidade e a esvaziam de recursos financeiros. Para que morra à míngua. É também quando ajudam a propalar a mística do teoricismo acadêmico, ajuntando-o a argumentos econometristas que supõem, antecipadamente, que a ação universitária não trará nenhuma contribuição ao desenvolvimento regional. Ou nacional.

No caso específico da UFRN, conforme aludiu o Prof. Cortez Pereira em artigo publicado aqui mesmo na RN/Econômico, a participação em projetos e programas estaduais, deveria ter um caráter compulsório, considerando-se a UFRN como o mais importante (até mesmo porque o único) centro de transmissão e produção de conhecimentos num Estado particularmente pobre. De recursos. De idéias. De iniciativas.

O maior impedimento, na perspectiva dos universitários, é que as instituições oficiais, quando os solicitam, querem sempre a convalidação de suas propostas ou projetos. Impermeáveis à crítica, qualquer negativa é tida como postura contestatória ou impertinente. Quando são convocados. Porque, via de regra não apenas deixam de ser convidados como os responsáveis, acintosamente, contratam técnicos de outras instituições.

No entanto, como já foi dito, a Universidade é o maior repositório de conhecimentos do País. O que nos leva a uma questão: um País pobre pode se dar ao luxo de manter suas mais formidáveis inteligências comprometidas única e exclusivamente com a transmissão do Ensino?

Pode. E o faz com certo requinte revanchista. Mantendo os notáveis a rédeas curtas. Sem recursos para desenvolver pesquisas, desestimulando a participação universitária no contexto regional, destinando recursos insuficientes até para ministrar o ensino formal.

Os países ricos e desenvolvidos convocam os seus notáveis porque precisam continuar ricos e desenvolvidos.

Por que Pombal atijou sua fúria contra a Universidade Portuguesa?

Por que Hitler levou à fogueira os textos dos pensadores?

Por que Galileu foi sacrificado?



Jovens índias «prometidas»

EXPERIÊNCIA

A vida de dois potiguares entre índios de Roraima

Indiferentes às gestões travadas no âmbito federal para oficializar a exploração mineral na região em que vivem há décadas, os índios **Yanomani**s, tidos como hostis, convivem pacificamente com o seu único contato branco: um posto da Fundação Nacional do Índio — Funai, que conta em sua equipe com dois norte-riograndenses, em férias em Natal. Valéria Nepomuceno Santos e Renato Galvão Santos detalham a experiência original, nesta entrevista, do convívio diário durante mais de dois anos com sua população estimada em 3 mil índios, aproximadamente, distribuídos num raio de 40 Km em torno do posto, em Roraima.

Espalhados na zona oeste do território, na Serra do Surucucu, os **Yanomani**s têm em comum o mesmo tronco lingüístico e os costumes, embora utilizem dialetos diferenciados que caracterizam as diversas tribos ou malocas, que, se não se hostilizam, nem aos visitantes, manifestam admiração e estranheza, como atestam Valéria e Renato Galvão Santos, enfermeiros que fugiram ao desemprego em Natal.

Admiração mútua é como Valéria define a recepção quando do desem-

barque em terras surucucus, com cerco festivo de índios pintados, com arco e flexa a dançarem em círculos e curiosamente espantarem-se com a cor clara e a morenice dos recém-chegados, dos quais estranhavam o uso de roupas e até a diferença de tamanho, numa demonstração de escassa convivência com o chamado mundo civilizado. Cabral, certamente, experimentou situação semelhante.



Mães rejeitam filhos gêmeos

CONVÍVIO ASSISTENCIAL —

Com auxílio inicial de um intérprete, foi possível entrar em contato com as dores e doenças dos **Yanomani**s, que resistem o máximo que podem à intervenção da Funai nessa área, preferindo (ou associando) os cuidados científicos com os do **Xabóry**, o pajé da tribo, que — após cheirar a **Yacua-na**, uma droga que lhe permite entrar em transe — promove uma sessão de rezas na qual os índios, condizentes com os seus antepassados, crêem piamente.

Além da assistência médica básica, Renato e Valéria, instalados num posto que lhes serve também de residência, efetuam ainda dedetização nas malocas, assistência materno-infantil em forma de creches itinerantes e até partos — raríssimos, já que o simples e eficiente parto de ócoras, agora difundido nos meios científicos, é corriqueiramente praticado pelas mulheres **Yanomani**s.

A cheque é utilizada para suprir a falta da mãe, que já leva um filho a tiracolo para a roça, e ainda como forma de recolher crianças abandonadas pelas mães, seja pela quantidade de filhos pequenos ou se o parto acusar gêmeos. Na dúvida sobre qual deles representaria o bem e o mal, ambos são «jogados fora», ou largados no local do parto, geralmente uma margem de rio.

A Funai, solícita, recolhe-os e lhes assegura o desenvolvimento, dentro de padrões considerados «normais» para a criança, que é adaptada às condições civilizadas, como a adoção de roupas e alimentação preconcebida para a idade. No retorno à tribo, após os primeiros anos, a criança «pena», sem conseguir adaptar-se à tanga e ao fogo com que seus antepassados sempre foram distinguidos. O círculo vicioso está então estabelecido, com o retorno da criança desnutrida aos cuidados oficiais.

A unidade assistencial é antes um «centro de nutrição» que propriamente uma creche tradicional, segundo os enfermeiros que a compõem.

A ROTINA DA PANCADA — Se a regra é assegurar a continuidade da tribo daquela maloca, é indispensável, para cada índio, uma quantidade mínima de mulheres, cujo número varia em função da importância do marido. Este adquire o direito conjugal através do «pagamento» feito ao pai, em forma de roça, mão-de-obra para plantação e caça, bens acessíveis a todo mortal indígena. Após o

acordo com o pai da pretendida — no melhor estilo medieval, podendo ser feito logo após o seu nascimento — aguarda-se o momento da menstruação, patamar indispensável à condição de procriar.

O ritual da menstruação obedece a certas condições: a menina é levada a uma espécie de cubículo denominado de «chiqueiro». Ali, durante o período menstrual, em que permanece sem tanga, ela não fala, isolada do restante da maloca e somente recebendo comida através da mãe. Do lado de fora do chiqueiro, o futuro marido aguarda comodamente instalado numa rede, conversando normalmente com os demais.

Após a última gota, a menina vai banhar-se com o seu parceiro, e a readaptação varia de acordo com a tribo. Numas, a relação sexual após o banho é suficiente para a volta à normalidade, enquanto que noutras, o ritual é mais demorado: o marido terá que fazer uma grande caçada e organizar uma festa, o que pode demorar um ano ou mais. Até lá, a leiteira continua incomunicável.

A paz, na convivência entre as várias mulheres do guerreiro, oscilando entre uma gravidez e outra, somente é quebrada com a secularmente condenada infidelidade feminina, que provoca a ira dos homens da tribo, mobilizados em caçada para interceptar a fuga da adúltera. Quando encontrada, «o pau canta», como surpreendeu-se a princípio Valéria Santos, justificando que “a vida da gente é suturar”, numa alusão à gravidade dos golpes.

Nessas ocasiões, a sessão de espancamento é tão contundente que a vítima dos golpes desfechados por sólidos paus e fações costuma ficar aleijada, considerada a resistência extraordinária que a vida livre em contato com a natureza proporciona aos chamados silvícolas.

IGUALDADE, ENFIM — A divisão de tarefas é fato incontestável, com homens caçando e mulheres pescando e trabalhando na roça. As tarefas pesadas subvertem a noção tradicional da fragilidade feminina, já que o carregamento de lenhas e comida, por exemplo, é feito pelas **Yanomani**, enquanto o marido caminha ao seu lado portando apenas arco e flexa, instrumentos de caça. Ótimos plantadores, “é de se surpreender o conhecimento que eles têm do local bom para o plantio” — constata Renato, seridoense de trinta anos que já engros-

sou, inclusive, as fileiras da Emergência, na época inicial.

Para os **Yanomani**, virgindade só existe até o momento em que a mãe ou avó da criança de 2 ou 3 anos introduz o dedo na vagina das meninas, que cedo se iniciam em brincadeiras eróticas consideradas normais. A criança **Yanomani**, por sinal, desfruta de uma autonomia incomum a partir dos seis anos de idade, somente dependendo dos pais para a subsistência.

E quanto às chamadas índoles combativas, a dos **Yanomani** é claramente pacífica. Exceto se forem molestados por integrantes de outra maloca, ou pelos próprios brancos.

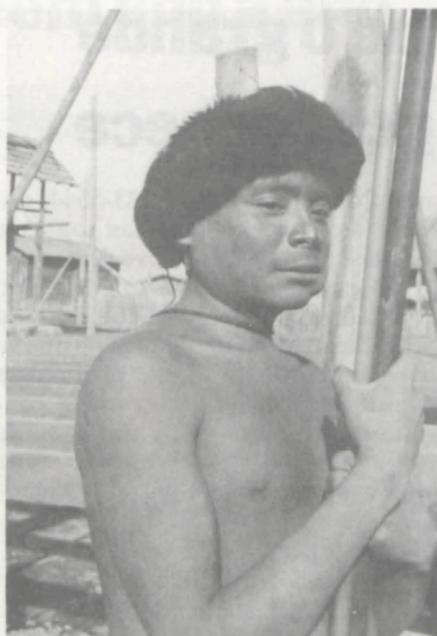
Um **Yanomani** só admite matar por

vingança, tanto brancos como índios da mesma nação, embora pertencentes à tribos diferentes. Um caso peculiar de vingança, manifesta-se pelo simples furto ou derramamento das cinzas de um morto, ato considerado uma agressão semelhante à morte. A situação somente volta ao normal com a prática de ato igualmente grave.

GARIMPO: UMA AMEAÇA — O fato de grande parte da terra que os **Yanomani** ocupam estarem ameaçadas de serem transformadas em áreas para a exploração mineral, com instituição de garimpos mecanizados, a preocupação é constante por parte de quem convive com os **Yanoma-**



Renato Galvão e pacientes



Yanomani resistem à Funai

nis — caso de Renato e Valéria — e de quem os estuda, caso do antropólogo Tom Miller, professor da UFRN.

Paralelo a essa realidade, há o Decreto 6.001, de dezembro de 1973, que estabelece a delimitação de todas as terras indígenas, como forma de assegurar às últimas nações indígenas brasileiras um espaço inviolável. Para Tom Miller, há disposição da Funai em demarcar tais espaços; o que não há são verbas, velha ladainha facilmente entoada. E adverte que “se não se fizer a delimitação, eles vão acabar perdendo as terras”, num processo iniciado desde o desembarque de Cabral à terra do Pau-Brasil.

Na capital potiguar, a voz do deputado estadual José Dantas Cortez clamou e alertou recentemente para o perigo representado pela exploração irracional dessas terras, voltada para

os interesses dos grandes grupos multinacionais, em detrimento de nossas raízes.

Para Renato Galvão e sua parceira Valéria, o que deve ser levado em consideração é a quase contaminação que acomete os índios após um contato mais prolongado com os brancos, no que diz respeito ao distanciamento dos seus hábitos elementares — como alimentação natural e caça com armas artesanais. Além do mais, a resistência às doenças comuns aos habitantes dos espaços civis é mínima, com casos de índios que hoje, oito anos após a expulsão dos últimos garimpeiros que iniciavam a exploração na área, ainda portam doenças

venéreas e tuberculose, contraídas à época.

Enquanto o antropólogo Tom Miller não dá muita importância à possibilidade de reação à exploração mineral na Serra de Surucucu, alegando que não é esse o principal problema dos **Yanomamis**, Renato Galvão não aposta num convívio pacífico. Afinal, "eles acham que a terra é deles, da qual se apossam como senhores absolutos". É pagar para ver se os nossos últimos remanescentes genuínos sobrevivem à nova onda da tomada de espaços nacionais, decretada arbitrariamente. □

STELLA GALVÃO



Informações 24 horas por dia

SAÚDE

CIT: serviço que o grande público ainda desconhece

Embora funcione há exatamente dez meses numa sala do segundo andar do Hospital Evandro Chagas e tenha como principal objetivo informar a comunidade nos acidentes por envenenamento, o Centro de Informações Toxicológicas ainda não é conhecido do grande público. A coordenadora do Centro, a Dr.^a Giselda Trigueiro afirma, no entanto, que há pretensão de se intensificar a sua divulgação quando for instalado o novo telefone, de apenas três dígitos, que funcionará a nível nacional, nas capitais que dispõem de tal sistema de atendimento.

No momento, os casos estão sendo

atendidos pelo telefone 223-5544, durante as 24 horas, em dias santos e feriados também, por nove plantonistas — estudantes do 4.º ano do Curso de Medicina e que são bolsistas da Secretaria de Saúde Pública — que se revezam no Centro. Lá, o plantonista atende os chamados telefônicos, consulta os fichários (que dispõem de 100 mil informações) e, utilizando uma máquina para leitura das microfichas, passa essas mesmas informações ao solicitante.

Segundo Giselda Trigueiro, as solicitações têm aumentado bastante, mas reconhece que os casos são inúmeros e que o Centro não está funcio-

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



O slogan "pensou em construir, pensou na Saci", já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa "na-hora de construir, pensam na Saci". E, se você vai construir, pense também na Saci.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

nando conforme sua capacidade. Nos cinco primeiros meses, por exemplo, foram atendidas 66 pessoas, a maioria das quais queria informações sobre intoxicação por medicamentos, "muitas, intoxicação provocada, ou seja, tentativa de suicídio", informa. No período de julho e agosto, foram atendidos 36 casos, 13 de intoxicação por animais peçonhentos (cobras, aranhas, entre tantos outros). Neste caso, esclarece, o Evandro Chagas também faz atendimento, como acontecia anteriormente.

Dos casos registrados, alguns foram graves e, com as informações do Centro, foi possível salvar a vida do paciente.

E é aí onde está a importância desse sistema, diz Giselda, "porque o Centro tem condições de salvar vidas em situações de emergência, como são em geral as intoxicações". Ela diz que, às vezes, a pessoa está no interior, longe de um serviço médico maior, e tem seu problema resolvido graças à orientação do Centro. Nesses casos, a própria família pode tomar as atitudes corretas para salvar a vida de uma pessoa, pedindo apenas ajuda de um farmacêutico.

De acordo com os números registrados no CIT, 50 por cento das solicitações são feitas por profissionais médicos, que trabalham em Pronto-

Socorro ou postos de saúde e não têm aprofundamento na matéria.

A coordenadora do CIT chama a atenção para o serviço do Centro, que normalmente é confundido com atendimento a «toxicômano». Ela frisa que intoxicação é sinônimo de envenenamento, de todo tipo de envenenamento, ou seja, alguma coisa de fora que, em contato com o organismo, provoca a reação prejudicial à saúde.

Esse sistema de informações sobre envenenamento foi implantado no Brasil pelo Dr. Alberto Radi, mais especificamente no Rio Grande do Sul, e o de Natal é o segundo do Nordeste. O primeiro é na Bahia. Sua implantação, em Natal, foi por iniciativa do Secretário de Saúde, Leônidas Ferreira, que utilizou o Evandro Chagas por já existir, no Hospital, um atendimento de envenenamento por insetos peçonhentos. "Aqui se tem muita prática em lidar com esses soros", comenta Giselda Trigueiro, que é também diretora do Hospital.

Além das micro-fichas que dão as informações sobre os 100 mil tipos de envenenamento, o plantonista, quando atende o solicitante, dá informações gerais complementares contidas em apostilas, e que enquadram espécies de envenenamento. Os casos específicos são tratados pelos fichários. □

mente industrial, agropecuária e agroindustrial.

Das gavetas de sua mesa cheia de papéis, o diretor do escritório local da Sudene, Antônio de Pádua Pessoa, retira alguns documentos que mostram os números de recursos aplicados em programas de obras públicas e em projetos industriais da iniciativa privada, nos últimos cinco anos. As verbas para os projetos industriais foram repassadas através do Finor — o requisitadíssimo Fundo de Investimento do Nordeste, que já foi pródigo na aplicação de recursos públicos para a industrialização regional e hoje está transformado numa verdadeira peneira. O que gera, em contrapartida, uma pressão muito grande, por parte dos empresários, para que seus projetos industriais sejam logo liberados.

Antônio de Pádua Pessoa, ainda que reticente em alguns momentos, não esconde que a Sudene, nos últimos tempos, tem aprovado poucos projetos. Mas acrescenta, por outro lado, que está tramitando na sede da Sudene, em Recife, "uma quantidade razoável" de cartas-consultas e projetos para implantar mais indústrias aqui. Em sua opinião, o fato se deve porque para a Sudene, hoje, não interessa aprovar uma grande quantidade de projetos que não tenham qualidade. "Para se ter uma idéia da atual situação", continua Pádua, "há cerca de cinco anos atrás em sua reunião mensal, a Sudene chegava a aprovar uma média de 40 projetos para toda a região. Hoje, essa média caiu para cinco".

Questionado sobre as pressões em decorrência dessa seleção mais criteriosa, Pádua responde que onde existem recursos para serem liberados, existem pressões. E mesmo acreditando que, como aumentou o rigor da seleção, tenha aumentado em contrapartida o volume de pressões, garante que o escritório local não está pressionado. Isso porque a função do escritório da Sudene local é o de representar a Sudene no Estado e dar apoio à equipe da sede da Sudene, quando em visita ao Estado. "A pressão é mais junto a quem tem o poder de deliberar", contrapõe ele.

RESCALDO DA EMERGÊNCIA —

Após o término da Emergência, a Sudene cuidou de fazer um levantamento dos materiais usados nas frentes de trabalho e para transporte de água para o interior, de modo que esse material seja doado ao Governo do

ÓRGÃO

Projetos da Sudene para o Estado diminuem ano a ano

Passados quase seis meses do término — ou interrupção — do Programa de Emergência Contra a Seca e após ter sido aprovado apenas um projeto industrial para o Rio Grande do Norte este ano, hoje a atuação da Sudene para o Estado está muito aquém do que se espera de um órgão de grandes objetivos sociais. Contudo, tradicionalmente a Sudene sempre foi alvo de polêmicas. Em toda sua história, críticas e elogios foram uma constante. Na história recente do escritório da Sudene no Estado — está aqui desde 1968 — a sua atuação teve pontos altos em 1982, quando estava no auge a prolongada estiagem, cuja fase pior já se passou, e quando também foi aprovado um maior número de projetos industriais — nove — nas áreas especifica-



Pádua: pressões existem

Estado ou aos órgãos executores da Emergência — Dnocs e 1.º Batalhão de Engenharia, de Caicó. O levantamento, que terminou no final de outubro, enumerou cerca de 500 tanques — que eram colocados sob as carrocerias de caminhões de aluguel —, 600 moto-bombas, além de ferramentas como carros-de-mão, pás, picaretas, enxadas, etc.

“A qualquer ano pode haver seca, mas pelo prognóstico do CTA, só teremos uma estiagem mais prolongada a partir de 1991 a 1992”, comenta Pádua a respeito da política da Sudene contra a seca. “O que foi feito durante esses seis últimos anos, em termos de obras contra a seca, já minou bastante o problema”. Muito interessado em comentar o assunto, Pádua afirma que a seca não tem uma solução definitiva, por isso acha que o que foi feito apenas diminuirá os efeitos do fenômeno. Segundo ele, foram construídos mais de seis mil pontos d’água no Estado, ou seja poços, açudes, cacimbões, barreiras, cisternas, e barragens, melhorando muito o sistema de administração de água.

PROJETÃO PARA O NORDESTE

— Entre montes de papéis e números, Pádua mostra as cifras — não

atualizadas — do que a Sudene gastou no Estado entre 79 a 84, cuja soma totaliza Cr\$ 254 bilhões, 205 milhões e 906 mil. Gastos com a Emergência (mão-de-obra, aluguel de carros-pipa, carretas, trem, compra de ferramentas, pipas, moto-bombas, pagamento de creches, Projeto Garrimpo e perfuração de poços), além de gastos com compras de alimentos e sementes para os trabalhadores (com recursos do Finsocial), e diversos programas como Polonordeste, Projeto Sertanejo, Procanor (Programa da zona canavieira), PAM (Programa de Assistência aos Municípios), e Prohidro (Programa de Recursos Hídricos), entre outros. Depois da Emergência, que consumiu Cr\$ 103 bilhões, 405 milhões e 906 mil, a segunda maior fatia do bolo de recursos aplicados, aqui, foi para o Finor: Cr\$ 57 bilhões, também devidamente arredondados pela Sudene.

Pádua informa ainda que todos esses projetos serão transformados num único: o Projeto Nordeste. Todavia, irá englobando os outros aos poucos, o que “levará ainda alguns anos”. O Projeto pretende manter cada uma das linhas de ações dos projetos que serão englobados. “Com o que se economizará muito,

especialmente em termos de estrutura administrativa”. O projeto já está em andamento, e Pádua acredita que qualquer que seja o futuro presidente da República — entre os dois candidatos — terá continuidade. Explica, genericamente, que tudo dependerá do bom senso do próximo presidente.

CARTAS-CONSULTAS E PROJETOS

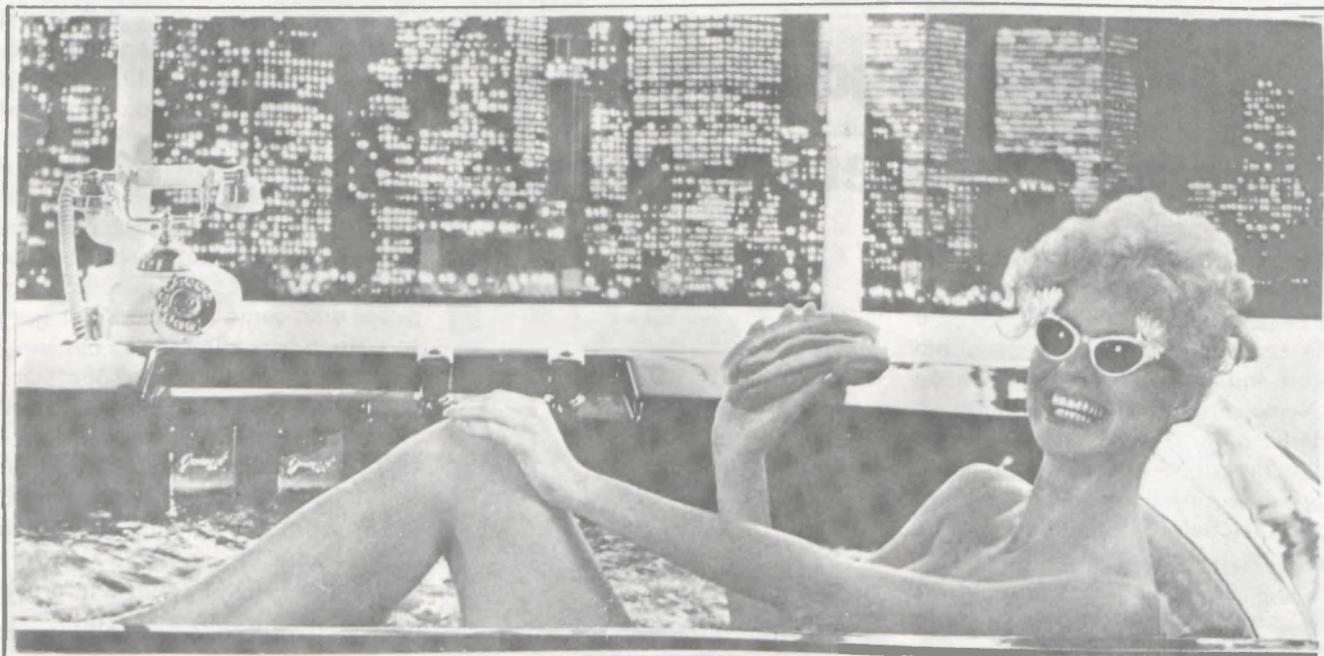
— Para se conseguir os recursos do Finor, os empresários têm que vencer as tradicionais etapas burocráticas na sede da Sudene. Primeiro, enviam a carta-consulta. Ao chegar lá, a carta tem que entrar na fila à espera da análise. Se aprovada, a etapa seguinte é a do projeto. Repete-se igual caminho, quando o projeto fica à espera da análise, seguida de uma outra para adequação. Para que tudo seja aprovado, os empresários têm que esperar uma média de um a dois anos.

Entre as empresas que estão com cartas-consultas e projetos à espera de aprovação, destacam-se — pelo volume de recursos do investimento: Tenenge — Técnica Nacional de Engenharia S/A, que trabalhará com Carboneto de Tungstênio, num investimento total de Cr\$ 9.212.948, numa perspectiva de oferecer mais 124

CODIF TEM

Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.



Companhia
Distribuidora de Ferragens

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira
Fone: 222-3571 — Natal-RN

empregos; Cibrasal — Companhia Brasileira de Sisal, grupo da Bahia que pretende instalar fábrica em Eduardo Gomes, para o que serão aplicados Cr\$ 400 milhões; e Fazenda Mossoró Ltda., de Amaury e José Fernandes de Queiroz, e outros, para produção de milho, algodão, melão e pecuária de corte, num investimento de Cr\$ 940 bilhões, mais 474 milhões e 830 mil, do Finor.

Das empresas que estão na reta final, destacam-se os projetos da Indústria Jossan S/A, cujo grupo líder é a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, de Minas Gerais, para produção de arames, ferros para construção e outros, num investimento total de Cr\$ 6 milhões, com perspectivas de 140 empregos. E também a Sulfabril Nordeste II, em Eduardo Gomes, para produção de vestuário de malha de algodão, num grande investimento: Cr\$ 11 milhões, 498 mil e 500. E também o da Empresa Potiguar de Camarões S/A, a ser montada em Natal, do Grupo Benhayon,

para produção de camarão descascado congelado, num investimento total de Cr\$ 5 milhões e 450 mil.

Dos 21 projetos industriais aprovados de 1979 a 1984, 11 foram em 1982, três em 81, dois em 80, e três em 1979. No ano passado, foi aprovado apenas o da Cirne — Companhia Industrial do Rio Grande do Norte, para cultivo de camarão em viveiro, em Macau.

Neste ano, foi aprovado apenas o da Raros — Agroindustrial de Produtos Aromáticos, cuja fábrica está em implantação em Macaíba, para produção de óleos essenciais. Com apoio da Sudene para este ano, três fábricas estão sendo implantadas: duas em Macaíba, outras duas em Extremoz e Eduardo Gomes. As outras, recém-construídas e já funcionando, estão em: Guamaré, Jardim do Seridó, Currais Novos, Mossoró, Natal, Taipu, Santo Antônio, e Campo Redondo, o que somando tudo dá aproximadamente oito mil empregos. □

conseguem sobreviver.

LONGE DAS MULTINACIONAIS

— O primeiro cine-vídeo do Natal surgiu, em abril de 83, da idéia de uma homenagem que o engenheiro Marcus Vinícius Meira Pires quis prestar a seu pai, o teatrólogo Meira Pires. Ele mesmo cuida de advertir que não se trata de um cinema, mas de uma sala de exibição, e seu intuito era mostrar os filmes que Natal esperava anos para assistir. Na verdade, o Cine-vídeo tornou-se uma alternativa para quem vai ao cinema, ao mesmo tempo que virou concorrente seu, com vantagens pela melhor programação de filmes e pelos preços, embora a qualidade das projeções seja bem pior.

O cine-vídeo, segundo explica Marcus Vinícius, está isento de pagamento de 60% de bilheteria ao distribuidor de filme, simplesmente porque não existe qualquer legislação que obrigue o pagamento de direitos autorais sobre fitas cassete, e sim sobre películas. Isso tem causado problemas a Marcus, que é um dos dois únicos distribuidores de fita de vídeo no Brasil. As multinacionais vêm seus filmes reproduzidos e vendidos, sem poder exigir qualquer remuneração por isso, e passam a exercer pressões.

Apesar dessa isenção, o cine-vídeo não é um empreendimento rentável, e o dono do Cine-Vídeo Meira Pires argumenta que não se arriscaria, se tivesse que começar agora. A vanta-

LAZER

Crise do cinema afeta até cine-clubes e cine-vídeos

Falar da situação de decadência das casas de cinema no Brasil e, especificamente, no Rio Grande do Norte tornou-se lugar comum, onde se corre o risco de repetição de tudo que já foi dito: quem manda no cinema são as multinacionais; os cinemas tendem a se acabar, principalmente no interior. No meio disso tudo, devem surgir alternativas e soluções, como já encontraram alguns donos de cinema de cidades como São Paulo, que dividiram suas casas em várias salas de exibição, mostrando diferentes filmes simultaneamente.

Talvez conscientes da dependência a que vão estar sujeitos em relação aos distribuidores internacionais de filmes, é que alguns preferem não se arriscar em investir nesse ramo. Segundo a própria Embrafilme, a taxa mensal de fechamento de cinemas é de 15%, e das 1 mil 200 casas existentes, a previsão é que somente 750 delas estarão funcionando no início do próximo ano. Dado alentador da Embrafilme também é que esse número deve se estabilizar, visto que,

potencialmente, esses cinemas são viáveis, tendo público certo e sendo bem estruturados. Especialmente se



Cine-vídeo: pouco rentável

gem só existe, diz ele, se o exibidor de fita cassete for também distribuidor, pois os custos para montar uma sala de exibição são altos, e "de retorno duvidoso". A sala de exibição, na sua opinião, vai tornar-se um "bom negócio" pra ele com a abertura de duas outras de Meira Pires, ambas em Ponta Negra.

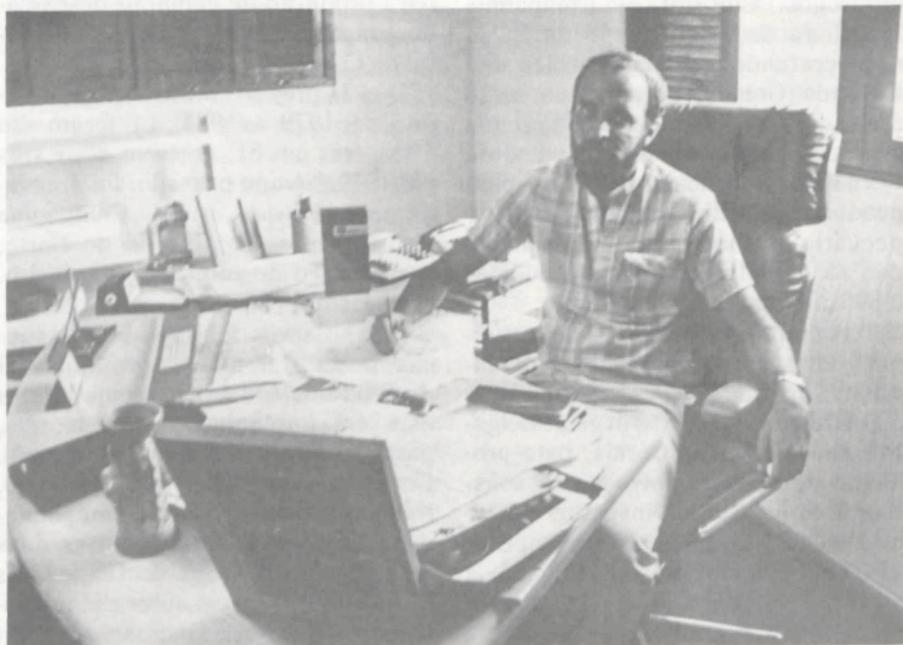
CASUÍSMO E COMODIDADE —

Outro atrativo para o ingresso no campo do cine-vídeo é que ele se constitui num mercado novo e muito aberto. No Brasil, já existem hoje 1 mil 700 vídeo clubes e locadoras de vídeo. "O pessoal pede fita como quem pede pão", observa Marcus Vinícius. Além disso, a rapidez está do lado de quem trabalha com fita. O filme é lançado num dia, nos Estados Unidos, e chega ao Brasil no dia seguinte, podendo ser mostrado uma semana depois de lançado no mercado internacional.

Essa foi, a propósito, a causa do fracasso de bilheteria que foi em Natal — e provavelmente em outras cidades do Brasil onde ele chegou muito depois de lançado — a exibição do filme «E. T. — o Extraterrestre» em cinemas. Vale lembrar que o exibidor de filmes em película não é o responsável por uma situação como essa. Para passar E. T. ele teve que exibir um «pacote» com dezenas de filmes sem expressão nenhuma, por pura exigência das multinacionais que fazem a distribuição, concretizando o casuísmo que contribui para o fechamento dos cinemas

"O exibidor não pode passar o que quer; tem que passar o que o distribuidor quer. A programação de cinema melhorou em Natal recentemente, porque o distribuidor percebeu que estava perdendo mercado com a ação dos cine-vídeos", relata Marcus. "Dentro de, no máximo, dois anos, o cinema no Brasil tende a se acabar. Quem pode ir ao cinema é a classe média, e ele já começa a ter o vídeo-cassete em casa, vendo filmes com a família, o que é muito mais cômodo".

Mesmo com todos esses contratempos, ele não acredita que o vídeo-cassete possa superar o cinema em película. "Existe o segredo da sala escura, e ninguém jamais vai conseguir superar o cinema", conta, para depois arrematar que a tendência em Natal é de que todas as casas fechem. "Não sei como conseguem manter os cinemas de Natal, pois o



Marcus Vinícius: cinema é insuperável

exibidor não tem 10% da renda de bilheteria, e a taxa de ocupação mensal hoje também não chega a 10%, enquanto no cine-vídeo Meira Pires fica em torno de 75%".

Uma solução a curto prazo, no seu entender, seria a transformação de grandes salas em pequenas salas de exibição. É claro que isso significaria uma arrancada se o exibidor não estivesse totalmente amarrado, e não tivesse a "obrigatoriedade de passar filmes ruins". Pelo menos assim seria amenizado o alto custo de se passar uma película em tela: 60% da bilheteria para o distribuidor; 10% pago a título de Imposto Sobre Serviço; 5% para o Escritório Central de Arrecadação de Direito (ECAD); e 5% para a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme).

DOS DOIS LADOS — Arvorando-se, desde sua criação, como mais uma alternativa para quem não é atraído pela programação de cinemas em, Natal, o Cine-Clube Tirol, que exhibe filmes em 16 mm (distribuídos pela Dinafilm, distribuidora para os cine-clubes), pretende entrar na dança. E vem para atacar nas duas áreas: filmes de 35 milímetros (os que são exibidos em cinemas) e também com vídeo-cassete. Produção de filmes de 35 mm no Estado é coisa que não se cogita por enquanto, mas as possibilidades são um pouco maiores no vídeo-cassete.

Embora tenham sido aconselhados por Luiz de Barros, proprietário do recém-fechado Cinema Rex, a não procurarem "dor de cabeça" pas-

sando filmes de 35 mm, os membros da diretoria do Cine-Clube Tirol não se abalam, e o vice-presidente, Iraê Rodrigues, acha mesmo que o fechamento progressivo de casas de exibição aumenta o compromisso do cineclubismo como mercado paralelo de



Imagem ruim

cinema, e canal de veiculação do cinema brasileiro. "O projeto de sala para filmes de 35 mm e vídeo-cassete não visa simplesmente implantar mais uma sala comercial, mas a melhoria desse mercado paralelo de cinema".

Na 18.^a Jornada Nacional de Cineclubes, realizado em julho último em Curitiba, ficou definido que a implantação de salas de exibição de 35 mm deveria ser feita o mais rápido possível, nessa fase de crise do cinema brasileiro. O Cine-Clube Tirol pretende fechar seu projeto nos próximos meses, e então vai partir para a batalha de conseguir apoio de instituições culturais do Estado, ou mesmo do setor empresarial, caso se dispo-

nha a ajudar. "O Cine-Clube é importante nesse contexto cultural do Estado, e nós esperamos contar, de fato, com o apoio de instituições" complementa Iraê.

Para trabalhar com vídeo-cassete, talvez o Cine-Clube Tirol tenha portas mais largas. O próprio fundador do Cine-Vídeo Meira Pires torce para, segundo ele, ter mais um aliado na luta contra as multinacionais. "Sou favorável a que os cine-clubes trabalhem com vídeo-cassete", opina Marcus Vinícius. "Acho até que já deveriam ter entrado e seria mais um para brigar junto comigo. Desde já,

me coloco à disposição do Cine-Clube Tirol para qualquer ajuda que possa precisar", anuncia depois enfaticamente.

As disposições dos cine-clubes e dos cine-vídeos a princípio parecem levar a crer que vão ajudar na falência dos cinemas. Mas podem também ser vistas como uma forma de tentar neutralizar, ou amenizar, a perniciosidade da dependência a que as multinacionais submetem essas salas de exibição, determinando sua programação de acordo com seus interesses e somente em nome deles. □

IRANILTON MARCOLINO

CATEGORIA

Unidade regional: a saída para a luta dos bancários

A campanha reivindicatória dos bancários do Rio Grande do Norte, que já dura alguns meses a exemplo do que acontece com a categoria no restante do País, tem sofrido reveses. Com algumas ameaças de greve e tentativas de acordo com a classe patronal, o movimento dos bancários foi de certa forma prejudicado com a quebra da unidade nacional por parte de sindicatos, como o do Pará, que partiram para o acordo em separado, contrariando o que havia sido previsto pela Confederação dos Sindicatos dos Bancários.

No caso específico dos sindicatos nordestinos, a saída encontrada foi partir para a união regional como forma de fortalecer a luta, que tem como reivindicações básicas a estabilidade, 100 por cento do INPC para reajuste em todas as faixas salariais, piso salarial unificado em todo País, reajuste trimestral e reposição de 22% pelas perdas provocadas pelos Decretos-Lei 2.012 e 2.045 que, segundo o presidente do Sindicato dos Bancários do Rio Grande do Norte, Horácio Paiva, "contribuíram para o arrocho salarial".

Pelo menos a unidade regional foi o que ficou definido a partir das mudanças nos rumos da campanha, uma

vez que grande parte do prejuízo recaiu sobre os bancários nordestinos, já discriminados de fato em termos salariais, com os pisos muito abaixo dos bancários do Centro-Sul. A tentativa, agora, é eliminar essas discriminações



Horácio Paiva

ou diminuir as diferenças salariais. E, embora a negociação em bloco (caso do Nordeste), venha acontecendo já algum tempo, em meados de outubro ainda não havia nenhuma resposta concreta dos banqueiros, o que o Sindicato do RN estava preven-

do para até o final do mês. Horácio Paiva acredita que serão conseguidos os 100% do INPC e a unificação salarial. O reajuste trimestral e a estabilidade no emprego são lutas antigas e, mesmo assim, raciocina ele, são as mais difíceis de se conseguir.

Um dos maiores problemas enfrentados pela classe bancária tem sido a falta de estabilidade. O que acontece com mais frequência nos bancos particulares, onde os patrões podem dispor do emprego da maneira que lhes convier, embora exista nos bancos oficiais — onde a demissão não pode acontecer com tanta facilidade — a questão de transferências. De um lado, os bancários não participam da luta da classe com medo de perder o emprego; de outro, o medo é das pressões que vêm de cima, como acontece em bancos como o do Brasil. E esse é um dos itens que mais prejudicam o movimento, conforme reconhece Horácio Paiva.

GREVE NÃO — Diz, ainda, Horácio Paiva que os bancários estão bastante desfavorecidos por não terem direito à greve e, quando a categoria pensa em paralisar, o medo das pressões e da perda do emprego, dificulta a adesão maciça. Isso aconteceu, principalmente, depois de 1964, lembra Horácio, "e só conseguimos uma maior mobilização depois de 80". Ele adverte que o movimento sindical bancário vem se consolidando gradativamente porque, na sua opinião, não é com discurso que se faz o trabalho, mas com "o trabalho do dia-a-dia".

O presidente do Sindicato dos Bancários do Estado relembra a última greve — de duas horas, do Banco do Brasil, em julho passado — como «histórica». Em setembro, os bancários do País inteiro pensaram em paralisar suas atividades no dia 21, porém uma assembléia no dia anterior votou pelo indicativo de não parar. No caso dos bancários do Estado, havia uma disposição pela greve, "mas não havia quadro nacional para a greve", justificou.

Além dos serviços que prestam à comunidade, são os bancos que retêm o fluxo do capital. Uma greve,

Lua-de-mel no Tahiti.



Vale a pena passar uma rápida e deliciosa lua-de-mel no Tahiti. Se você ainda não passou, não sabe o que está perdendo.

Vamos, experimente! Mesmo que você esteja perto de comemorar as bodas de prata.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui.

por menor que seja, tem uma repercussão muito grande, diz Horácio. E é justamente por ser responsável pela retenção do capital do País que a briga com os banqueiros tem sido tão dura, pois em alguns pontos eles não arredam pé.

De qualquer forma, argumenta, "já conseguimos uma vitória decisiva, que foi a quebra da legislação, fazendo convenções completamente à margem dos decretos". Fazendo um resumo de como está o movimento a nível nacional, ele informa que alguns sindicatos já fizeram acordos,

na maioria dos casos forçados pelo tempo, enquanto que os sindicatos nordestinos estão tentando acordo com os patrões, numa reabertura de negociação e possibilidade de apresentação de nova proposta aos bancários.

Após a apresentação da nova proposta dos banqueiros, cada sindicato fará sua assembleia em separado, e decidirá o que é melhor para a categoria. A possibilidade de greve sempre há, concluiu Horácio, mas quem decide é a assembleia e após ouvir a nova proposta patronal. □

vo é quem compra carro usado agora, então..."

Na verdade, o que impulsiona o setor é o número de carros usados de que o mercado dispõe, acrescentando-se o baixo rendimento que a classe média exhibe atualmente. O que antes era motivo de **status** (possuir um carro novo todo ano), tornou-se impossível por causa dos altos custos dos carros novos. A classe média, então, passou a ser a maior consumidora de carros usados.

OS RISCOS EXISTEM — Com a crescente venda desse tipo de carro, começou a surgir no mercado uma séria preocupação. Justificada, porque não demorou muito a explodir o escândalo da Duauto Veículos. O comerciante Durval Dantas, à frente de uma quadrilha de ladrões de automóveis, conseguiu transformar a compra de carros usados em motivo de pesadelo. Imediatamente, várias pessoas foram prejudicadas com as estrepeolias do comerciante. E como o jeito é comprar carro usado e esquecer o novo, o comprador tem hoje, três cuidados: a garantia de que o objeto de que se dispõe a comprar seja de boa qualidade, econômico e seguramente de boa procedência. Isso significa procurar uma casa de absoluta confiança. Ou se arriscar a ser proprietário de um veículo roubado.

Na ânsia de encontrar um bom negócio, o comprador pode se envolver em problemas de solução difícil. Comprar um bom carro por um preço relativamente menor do que a média no mercado pode parecer uma grande opção. Mas esse é um território mivedido.

Na Avenida Dez, no Alecrim, por exemplo, se reúnem os mais diferentes tipos de vendedores que transformam a rua em um verdadeiro bazar de automóveis usados. Ali, os negócios são feitos da forma mais primitiva possível, sem que o comprador tenha a menor chance de averiguar a saúde legal de sua compra. Comerciante novo no ramo, Anchieta Miranda tem uma opinião sobre o assunto. Acredita que, "apesar do grande número de lojas que estão funcionando no momento, apenas um pequeno número delas pode oferecer confiança aos seus compradores".

Como nem só de caos e pânico vive o mercado, alguns vendedores prometem confiança e qualidade em seus produtos. Respaldados em vasta experiência no mercado, como é o caso de Francisco Alves Neto. "Minha



Carro usado: às vezes, opção única

COMÉRCIO

Carro usado: bom negócio se a procedência for boa

O setor de carros usados é um dos mais felizes no quadro atual de crise que atravessa o comércio. Apesar da diminuição do poder aquisitivo da classe eminentemente consumidora — a classe média — a venda de carros usados continua rendendo bons dividendos. Talvez a explicação seja a constante majoração nos preços dos automóveis novos.

De um ano para cá, o número de lojas têm aumentado bastante, o que parece comprovar a bonança do setor. E Anchieta Miranda é um que acredita no bom negócio de se vender carros usados. Sua loja — Carrone — recentemente inaugurada, partiu para a conquista do mercado com uma campanha agressiva e bem

dirigida. Apesar de ser novo no ramo e ter pouco para contar, Anchieta Miranda tem uma receita para se vender bem: "Investir na compra de carros econômicos, que são os mais procurados".

Francisco Alves Neto — proprietário da F. Alves Neto — tem outra fórmula, ou seja, acredita que o sucesso está ligado à boa qualidade de seus carros. Para ele, não existe crise. "O que existe é a falta de compradores para carros novos, mas o carro usado vem enfrentando bem os reveses do mercado". Anchieta Miranda contrapõe: "A crise existe, mas tem muita gente acreditando na venda de carros usados por uma razão muito simples: o antigo comprador de carro no-

experiência ligada à boa qualidade de meus carros, fazem de meu negócio um dos mais procurados”, explica, “e eu já trabalho há vinte anos nesse ramo”. É o que Anchieta Miranda também assegura, não deixando de frisar, também, que a economia é um ponto de grande atração.

Francisco Alves Neto e Anchieta Miranda, que aparecem como pólos equidistantes de um mesmo ramo de comércio, indicam as marcas de maior poder de venda: os carros da marca Ford, especialmente o Escort e o Pampa. Estes conseguiram se sobrepôr aos antigos imbatíveis carros da General Motors. Carros como a Belina, da Ford, e os da Fiat e Volkswagen são muito procurados também. Bugres de todas as marcas, mesmo detendo uma boa fatia do mercado, mas são mais difíceis de comercialização.

O mercado oscila ao sabor da crise — ou apesar dela — e muitos prosperaram com a venda de carros usados; outros afundam, como Durval Dantas. Mas, de um modo geral, o setor prossegue sobrevivendo. A criatividade e a argúcia são boas armas para se vencer qualquer crise. O jogo é este, e vence quem sabe jogar. □

Um caso de carros velhos e ameaças ambulantes

Tarde de uma sexta-feira agitada no Alecrim. O repórter e fotógrafo da revista RN/ECONÔMICO circulam nas imediações da Avenida Manuel Miranda com a Leonel Leite. O território dos vendedores de carros usados: a Avenida Dez. Todos se negam a falar qualquer coisa. De repente, ninguém é mais vendedor. Todos não passam de simples senhores que amam motos e adoram ficar fuçando entre capôs.

O fotógrafo João Maria desempenha sua função com calma e cuidado. É um profissional e conhece os riscos de sua função. Terminado o serviço, caminha para o carro e não percebe que um homem de aspecto um tanto ameaçador, trajando uma camisa da Polícia Militar e calça parda, se aproxima velozmente. Há uma rápida discussão, e o desconhecido de vastos bigodes tenta saber do fotógrafo

se ele estaria por acaso sendo fotografado. O fotógrafo responde que não, o que deixa o homem mais furioso ainda. Olha insistentemente para a máquina. Alguns companheiros se aproximam e tentam acalmá-lo.

O repórter procura saber a identidade do homem, mas todos se negam a falar. Negam que ele pertença à Polícia, apesar da camisa de farda. Tudo transcorre rápido e o homem, visivelmente descontrolado, ameaça atirar contra o fotógrafo. Entre a ameaça e o momento em que se conseguiu entrar no carro e partir, o tempo se perdeu. Enquanto o carro partia, alguns homens tentavam persuadir o agressor a sair dali também.

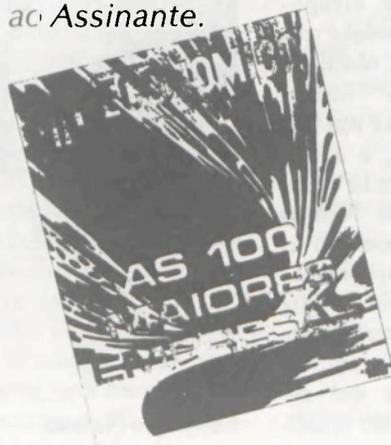
O crime não aconteceu, ficou só na ameaça. Mas o rescaldo do ocorrido demonstra, no mínimo, que algo de errado está ocorrendo naquela área do Alecrim.

VENHA PARA OS NOSSOS 15 ANOS

NOVO ENDEREÇO

O Serviço de Atendimento ao Assinante de RN/ECONÔMICO existe para atendê-lo. Utilize-o para comunicar mudanças de endereço, eventuais atrasos na entrega, renovação de assinatura, etc. Entre em contato com RN/ECONÔMICO pelos telefones 222-4722 ou 222-8517. Envie correspondência para Rua São Tomé, 421,

Centro. Natal-RN.
Serviço de Atendimento ao Assinante.



Endereço Anterior: _____
Bairro: _____ CEP: _____
Cidade: _____
Estado: _____

Caro assinante: Se você mudou de endereço, envie-nos este cupom, comunicando o seu novo domicílio, para RN/ECONÔMICO

Novo Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____
Estado: _____

Os exemplares chegarão em seu endereço após o dia 30 de cada mês.

Restaurado para servir de Centro de Cultura e Lazer do SESI, o antigo Hotel Bela Vista — hoje simplesmente Solar Bela Vista — construído no começo do século, reabre finalmente suas portas.

E o que é mais interessante: com o objetivo bem definido de servir a comunidade, seja através de cursos, seja através de atividades artísticas.

Depois do Teatro Operário, hoje um patrimônio cultural desta cidade, ganha o trabalhador norte-riograndense o seu Centro de Cultura, uma casa aberta, democrática, criada segundo a dinâmica do engenheiro Fernando Bezerra, o político e empreendedor presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte.

De há muito que a cidade aguardava um espaço dessa natureza. Um espaço comunitário, bem localizado, dispendo de uma infra-estrutura sólida e com capacidade de gerar a sua própria dinâmica.

Além das atividades artísticas, o Centro de Cultura e Lazer do Solar Bela Vista manterá, também, uma série de programas didáticos. Sem deixar de ser, é claro, um grande centro de convivência.

A restauração do Solar Bela Vista, com verbas do Pró-Memória e da FIERN, teve a supervisão do departamento de patrimônio artístico da Fundação José Augusto.

★★★★★

EXAUSTÃO ARTÍSTICA — A pintura recente



Solar Bela Vista

de Leopoldo Nelson se constitui num exemplo de exaustão. A leitura de seus quadros mostra-nos claramente essa exaustão de recursos, diluídos numa retórica vazia; exaustão de criatividade, mascarada pela repetição de velhas e inofensivas imagens de um mundo estereotipado e banal. Suas marinhas, vistas em perspectiva, lembram cartões postais canhestros, no estilo das alunas de dona Francisquinha Cruz.

Estamos diante de um caso notório de esgotamento. O artista, atropelado pela demanda comercial de sua obra, se pasteuriza, se anula, passa a enfrentar um mínimo de riscos, e a linguagem plástica se massifica. Leopoldo Nelson não deixa por menos: é, sem dúvida, o artista natalense que mais produz e ao mesmo tempo o menos preocupado com a manutenção de um razoável padrão de quali-

dade. Sua pintura decai a cada exposição, sempre numerosa.

A Pinacoteca do Estado possui, pelo menos, uma boa pintura de Leopoldo Nelson, realizada ainda na década de '60, representando uma mulher dando à luz. Depois daí, o artista se intelectualiza em demasia e o seu expressionismo se rarifica. Assume Leopoldo Nelson um papel que o incita a posar de mestre para uns poucos aficionados. Escreve livros,



Leopoldo Nelson

confessa-se. Hesita entre o exercício integral da pintura e do columnismo nos jornais da cidade.

Tudo isto explica o recurso extremo de que lança mão Leopoldo Nelson, ao fazer acompanhar cada quadro dessa mostra (mais uma...) de um texto supostamente «explicativo», que sintetiza as composições iconográficas, mas a partir de um nível intelectual de escola primária. Nega Leopoldo Nelson, assim, a legitimidade da imagem, que deveria existir por si mesma, e a despeito de todas as explicações — por mais esclarecedoras, inteligentes, judiciosas.

E depois, a insistência do artista em aparentar-se, esteticamente, a Rivera, Orozco, Siqueiros, Chagall e Escher, tão díspares entre si, como que a tornar plausível, por intermédio de um expediente de sobra duvidoso, a miscelânea es-

tética, composta segundo um receituário equivocado e comprovadamente inesgotável, pelos quadros expostos na Biblioteca Câmara Cascudo.

★ ★ ★ ★ ★

COMER TEATRO —

A Federação Norte-riograndense de Grupos de Teatros realizou há pouco, somente com a cara e a coragem, mais uma edição de sua mostra anual denominada **Vamos Comer Teatro**. Assim, tivemos a visita de vários grupos de amadores se apresentando no Alberto Maranhão, sempre com uma platéia reduzida mas entusiasmada diante das mais diversas propostas em matéria não somente de textos, mas também de montagens.

Uma coisa, porém, deixou muito a desejar: a divulgação dos espetáculos. Jamais recebi qualquer release, qualquer material fotográfico ou informações outras, apesar de meu empenho em obtê-las junto a Marcelo Amorim.

Por outro lado, a construção do calçadão em frente ao Teatro, serviu, quando muito, para dificultar o estacionamento. Obra, como tantas outras, inteiramente desnecessária. Enquanto isso, dentro, falta até papel higiênico.

★ ★ ★ ★ ★

IMBUAÇA DE SERGIPE — De todos os espetáculos participantes da mostra **Vamos Comer Teatro**, um pelo menos ficou como exemplo de vitalidade, de entrosamento

entre todos os elementos, a partir do texto escrito coletivamente, passando pelos recursos de atores e de montagem cuidada nos mínimos detalhes.

Refiro-me ao Grupo Imbuça de Sergipe, que apresentou por duas noites a peça Ara (fala) Cajú, um mosaico cheio de burlesco, ironia e muita criatividade.

Espectáculo despojadíssimo, vazado nos tradicionais moldes da chamada commedia dell'arte, misturada ao pastoril e demais autos populares nordestinos. As inumeráveis vozes de uma cidade, ou melhor, de um Estado inteiro, redimensionando a História segundo um crivo objetivo, bem humorado e crítico. Uma história de políticos corruptos, como o Barão de Macaúba, e de contrabandistas, manipulados por um governador astuto e interesseiro.

Admirável o nu da prostituta, banhando-se, no fundo do palco. Banho de cuia, que a platéia inteira assiste enlevada, menos pelo sexo exposto da atriz do que pela delicadeza do rito.

★ ★ ★ ★ ★

EXPOSIÇÃO DE JÚLIO CÉSAR — Júlio César Revoredo volta a expor nova série de pinturas. O artista, distinguido recentemente com o Prêmio Secretaria da Cultura de Pernambuco, no 37.º Salão de Artes Plásticas, por um júri composto por Abelardo da Hora, Montez Magno e este colonista.

Júlio César faz um registro pictórico de uma arquitetura colonial, reconstituindo, a um tem-

po, as festas do povo, costumes rurais e urbanos. Filiado a uma corrente popular da pintura nordestina, Júlio César foge, por intermédio do uso da cor, do popularesco, das concessões ao mau gosto.

Aprecio, em Júlio César, a fidelidade ao mundo de sua infância. E a adequação dos meios disponíveis — artesanatos, composições — à sua própria realidade humana. Pelo menos, não mistifica, não ostenta. E assim, realiza trabalho competente.

★ ★ ★ ★ ★

ENCONTROS CULTURAIS — O escritor **Tarcísio Gurgel está coordenando, no Centro de Convivência da UFRN, uma série de Encontros Culturais, reunindo violeiros, escritores e artistas, quinzenalmente.**

Tarcísio Gurgel é desses que encontram sempre uma boa saída para o marasmo institucional. Está sempre agitando, discutindo, estimulando. É pena que, no Rio Grande do Norte, pessoas como Tarcísio acabem sempre marginalizadas. Porque não há lugar, aqui, para a criatividade.

★ ★ ★ ★ ★

FESTIVAL DE TOLICES — O espírito da chamada «Geração 80» encarnou em J. Medeiros, como não poderia deixar de acontecer. Medeiros é permeável a todos os modismos; mais parece uma esponja a absorver todas as novidades, mesmo as mais alienígenas.

Há pouco Medeiros tentou reviver, no Espa-

ço Juruá, a performance que virou o Parque Lage — onde funciona a Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro — de pernas pro ar. Como não tem mesmo o que fazer, Medeiros gosta de ficar de pernas pro ar, dizendo tolices, passando por cima da História, ignorando todas as conquistas do saber humano.

Deve fazer-lhe muito mal a ojeriza que sente pelo estilo neoclássico. Por ele, a bela mansão que pertenceu a família Lage, com os seus mármore italianos, seu assoalho de pinho de Riga importado da Rússia, já teria sido demolida para dar lugar a um espigão. Medeiros adora espigões. Medeiros não sabe que a mansão foi construída justamente numa época em que, em matéria de arquitetura, o estilo neoclássico era o que havia de mais ousado. Depois, muito depois, é que apareceram Niemeyer e Lúcio Costa.

Enquanto comentava os slides da performance da Geração 80, Medeiros brindava a platéia com frases e nomes estapafúrdios, como "ótica ocular" e "frontispício", em vez de frontispício, naturalmente. Pois Medeiros, nessa noite, deixou que aparecesse o seu complexo de incendiário. Parecia um Hulk ou um Nero, hesitando entre demolir ou tocar fogo no Parque Lage e, por extensão, no patrimônio artístico nacional. No finalzinho de sua fala, sobrou alguma coisa para o nosso Forte dos Reis Magos. Neoclássico?

FRANKLIN JORGE

O RN e a Sucessão



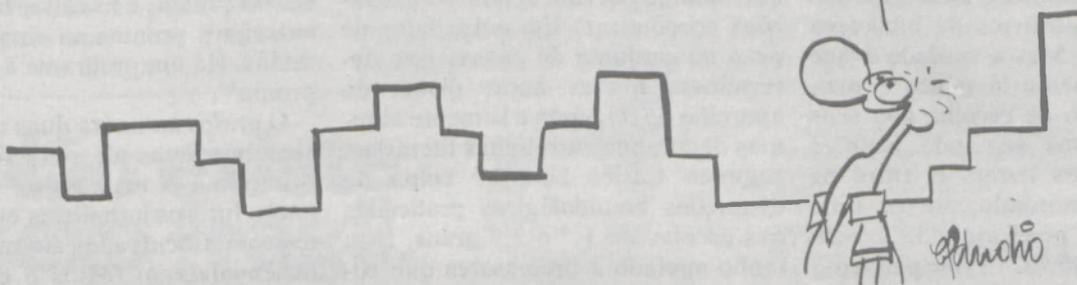
Tancredo em Natal

QUAL É
A PRAIA
QUE O SR.
DESEJA
IR?

PRAIA
DO
MEIO,
UAI...



A
"PAZ
PÚBLICA"?



Sem dinheiro nem estímulo, natalense lê pouco e mal

A se acreditar em leis poéticas como a formulada pelo bardo gaúcho Mário Quintana — “Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem” — Natal é uma cidade de não poucos analfabetos. Aparentemente polêmica, a tese é amparada com o que se pode colher em conversas com livreiros, no acompanhamento — para quem pode fazê-lo — na pulsação intelectual da UFRN ou numa simples conversa com o poeta Volonté, uma verdadeira

pendem da inteligência do seu próximo...

CENSURA ECONÔMICA — Para o livreiro e editor Carlos Lima, o analfabetismo poetizado por Mário Quintana tem uma causalidade que gira em torno de cifras e cifrões. “Muita gente quer ler”, condescende ele. “Mas, mesmo sem a censura policial, há uma outra que se tornou ainda mais proibitiva: o alto custo dos livros”. Em sendo elevado o preço dos



Água-com-açúcar em alta

máquina de devorar livros. No último caso, é doloroso constatar que o tempo avança rápido e que o interlocutor do poeta quase sempre está anos-luz defasado com as novidades literárias. Mesmo as escritas a dois ou três séculos atrás.

Claro: não se trata de bancar o nauseante Autodidata sartreano, cujo projeto de vida se resumia em ler, seguindo o ordenamento alfabético dos títulos, todos os livros da biblioteca de sua cidade. Mas a verdade é que o natalense médio lê pouco e mal, com o processo de escolha dos seus temas prediletos seguindo padrões que excluem os livros. E entre os que lêem primordialmente os tais, ainda assim o nível atingido é bem pouco satisfatório. Principalmente para os livreiros, uns homens que de-

livros — mesmo as chamadas edições de bolso, de formato pequeno e de poucas páginas, não chegam ao paladar do leitor por menos de Cr\$ 3.000,00 o exemplar — há um achatamento natural do universo de leitores.

Tanto assim que a Livraria Clima, por exemplo, em suas três lojas, não consegue vender mais que cinquenta exemplares por dia. E nem só por razões econômicas. Um outro fator de peso no conjunto de causas que determinam muitas horas diante do aparelho de televisão e somente algumas decifrando entrelinhas literárias, segundo Carlos Lima, é culpa de distorções metodológicas praticadas nas escolas de 1.º e 2.º graus. “Eu tenho apelado a professores que conheço no sentido de que adotem li-

vros que realmente incentivem à leitura. Mas há uma insistência na adoção de clássicos pesados, que acabam desestimulando o aluno a ler outras coisas”, sentencia o editor.

E sugere modificações, não sem antes incluir na listagem do enfado desde o romantismo de José de Alencar até o realismo debochado de Machado de Assis. “É preciso modificações nesse sistema, com a adoção de autores que realmente despertem o interesse do estudante para o conhecimento de outros escritores. Nomes como José Luis do Rego e Graciliano Ramos, que são escritores mais próximos, conseguiriam isso”, receita Carlos Lima.

ESCREVEU, NÃO LEU... — Mas não são somente os estudantes ginasianos e secundaristas as vítimas do conservadorismo do nosso sistema educacional. Ou da sua bagunçada estrutura didática, que privilegia métodos incapazes de induzir o estudante a ler, o que deveria ser feito até mesmo como uma maneira de estimular o afloramento do seu senso crítico. Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pretense centro de efervescência intelectual, a realidade dos números de leitura é preocupante. É o que diz Albimar Furtado, professor do curso de Comunicação Social — aquele que pretende formar jornalistas habilitados: “Nossos futuros jornalistas estão lendo muito pouco. Verdade que não tenho maiores informações porque trabalho com disciplina técnica. E, pela nossa estrutura acadêmica, nossa convivência praticamente não ultrapassa os limites da sala de aula. Mas é comum ouvirmos lamentos do tipo: gostaria de ler muito, mas não consigo”.

Albimar identifica uma esfera de culpa, por essa situação, que não abriga somente o estudante e não contempla razões simplesmente econômicas. Para ele, “a estrutura acadêmica sufoca professor e aluno. Manda, obriga a que o aluno tenha uma nota a intervalos definidos de tempo, limitando o trabalho em classe. Há pressa, e as coisas têm que ser entregues prontas ao aluno, já resumidas. Há um programa a cumprir, e pronto”.

O professor anota duas consequências imediatas desse caos todo. A primeira — e mais grave — transforma os futuros jornalistas em estudantes com dificuldades até mesmo para desenvolverem textos e executarem trabalhos escritos, o que ele conside-

ra decorrente “da falta de informação e do exercício de leitura”. A segunda, mais agradável, consiste no esforço para superar estas deficiências: “Há que se registrar gratas exceções. Hoje já vemos iniciativas de alunos para criar seus próprios jornais, onde, entre outras coisas, analisam publicações. E é um grupo que está crescendo”. — revela Albimar. Alvissaras, portanto.

SANTO DE CASA FAZ MILAGRE — Se cresce o grupo dos que se informam, afinal o que se lê nesta cidade de tantos eruditos e escassos leitores? Nas livrarias, os livros mais vendidos, revela Carlos Lima, dizem de literatura e de política. E se há quem — como Albimar Furtado — eleja ele próprio as suas preferências — desde a angústia de Rilke em «Os Cadernos de Malte Laurids Brigg» aos descalabros do País em «A Chave do Tesouro», de José Carlos de Assis, passando pela massificação de coisas como «O Dia do Chacal» — há quem apareça nas livrarias apresentando recortes de revistas com listas dos mais-vendidos.

“O leitor é influenciado pelas listas das revistas de circulação nacional, como Veja e Isto É. Ele geralmente escolhe o que vai ler a partir dessa listas de **best-sellers**, que incluem basicamente livros de literatura e política”, confidencia o livreiro. E aponta um exemplo que comprova esta influência: o «Feliz Ano Novo», de Marcelo Rubens Paiva, que ele diz ter vendido cerca de mil exemplares em um ano. Uma excelente marca, evidentemente. Mas a grande surpresa, para muitos, será saber que há **best-sellers** também entre os escritores do Estado.

Celso da Silveira é um deles. O seu «Glosa Glosarum», editado pela Clima, já está na terceira edição, o que representa doze mil exemplares vendidos. Um outro: Manoel Onofre Lopes, com o «Guia Poético da Cidade do Natal». Para desmontar o mito de que autor local vende livros apenas na noite de autógrafos, Carlos Lima diz que é preciso um pouco de sensibilidade para aproveitar o momento oportuno: “Na última Feira dos Mu-

nicípios, vendemos setecentos e quarenta títulos de autores locais, e somente trezentos de autores nacionais. Esse é um tipo de evento que ajuda a vender os livros dos autores locais porque o leitor gosta de conhecer quem escreve”.

O SANGUE PECUNIÁRIO — Equacionada a questão dos livros, é hora de investigar o universo de leitura em que se movem praticamente todos os quintânicos analfabetos de Natal: o dos jornais. Indubitavelmente, o tipo de papel mais consumido. E para saber que páginas despertam o interesse do leitor, basta estacionar



Sexo ainda vende

nas cercanias de uma banca de jornal nos dias em que os jornais estampam o sangue do noticiário policial em suas manchetes. Ou conversar com quem, à moda de Albimar Furtado, que é também chefe de Reportagem do Diário de Natal, há quase duas décadas compõem o seu samba de uma nota só no teclado da máquina de escrever.

Embora ressaltando que opiniões desse tipo careceriam de análises mais sólidas e deplorando que, ao contrário do que ocorre no rádio e na televisão, a pesquisa de Opinião Pública não chegou ainda aos jornais de Natal, Albimar não hesita em dizer que o fato policial supera de longe qualquer outro no interesse da popu-

lação. “Os sucessivos recortes de vendagem dos jornais são conseguidos com o registro de acontecimentos policiais espetaculares”, afirma.

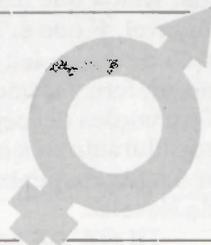
E exemplifica comparando fatos deste tipo a outros, de áreas diversas, também dignos de repercussão semelhante à do fato policial: “A eleição de Aluizio Alves, em 1960, para o Governo do Estado, não vendeu mais que a morte de Baracho, o assassino de motoristas de táxi. A conquista do tetra-campeonato pelo ABC, em 1973, a sua inclusão no Campeonato Nacional, e até mesmo o tri-campeonato mundial em 1970 não superaram a tiragem do crime da Galeria Olímpio. Qualquer matéria sobre a crise econômica brasileira fará ameaça mínima à repercussão do noticiário sobre o marginal mascarado, hoje o terror da cidade”.

Um outro dado revelado por Albimar Furtado espelha o poder de sedução exercido pelo sangue dos jornais: o noticiário policial, ao contrário do que muitos devem imaginar, não fascina somente o leitor situado em classes sociais tidas como pouco receptivas a informações menos vulgares. “No ônibus, no cabeleireiro, no salão de espera, em qualquer ambiente, a grande maioria dos que lêem um jornal, dão preferência à página policial. Independentemente de classe social. É só observar para conferir”, aconselha o jornalista.

SUTIL MANIPULAÇÃO — As razões pelas quais a página policial é prato consumido à larga por todos os segmentos sociais, remetem, no entender de Albimar Furtado, ao que foi feito deste País nos últimos vinte anos. Submetido a rigores políticos fundados no autoritarismo e no arbítrio encenados no palco do regime militarista pós-64, o leitor viu instalada a política de «desinformação», que consistia no escamoteamento dos fatos e informações sobre um rol de temas que excetuava somente o noticiário policial e o esportivo.

E nestes dois, o leitor deitou e rolou. “Ora, o leitor não participava das grandes decisões do País. Tudo acontecia nos bastidores. Então, ler o quê? O canal aberto foi o futebol e o

**Não existe
sexo frágil.**



Você já chamou o seu marido para uma esticada no Tahiti? Se ainda não, experimente. É o tipo do convite que nenhum homem resiste.

Para o Tahiti não existe esse negócio de sexo frágil. É tudo forte, lindo e maravilhoso.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui.

fato policial”, confirma o jornalista. Embora já vislumbre modificações no quadro de interesses do leitor. Isto em função, claro, do afloramento vigoroso de outros temas, agora que a brisa de «abertura» permite a fluência de coisas ainda vergonhosas, embora não tão rubras: “Hoje, quando a Nação começa a ser ouvida, já temos evidências de mudança. O noticiário sobre as eleições diretas foi consumido e discutido. É só ver, por exemplo, como a Folha de São Paulo, que assumiu posição em favor das diretas, era disputada nas bancas”.

DE ONÃ AO AÇÚCAR — Além dos jornais, entretanto, que outras fontes de erudição saciam a sede de leitura do leitor médio, esse que tem nas bancas de jornais e revistas o seu simulacro de livraria ou de biblioteca? A resposta tem uma pista inicial na simples evidência revelada por Albimar Furtado, no que toca aos jornais. E assume um caráter definitivo num coquetel de emoções cujos ingredientes básicos seriam, eufemisticamente dizendo, sangue, pelos, lágrimas e outros líquidos menos publicáveis. As revistas com fotos pornográficas — embora a esperteza dos editores insista em qualificá-las como eróticas ou sensuais — já não vendem tanto quanto durante os primeiros tempos de liberação do «nu explícito», mas ainda colorem as noites insones de muitos marmanjos. E, é possível arriscar, de muitas senhoritas e madames.

O proprietário de uma das bancas espalhadas ao longo da avenida Rio Branco — não quis o seu nome revelado — confirma isso, dizendo que as revistas que mantêm uma média regular de vendagem são exatamente as destinadas ao leitor que não busca simplesmente saciar o seu componente onanista. “Essas revistas mais caras, como Playboy, Status, Ele & Ela, ainda vendem bem. Mas aquelas mais baratas, que só têm mesmo as fotos de mulher pelada e mais nada, caíram muito”, declara.

Um fato não tão estranhável, se considerarmos que o elemento responsável pelo pique de vendagem — e da profusão de títulos — das «revistinhas de sacanagem» foi mesmo o impacto inicial da sua liberalização. Instalada a rotina, a vendagem estagnou-se dado o arrefecimento do ânimo dos leitores compatibilizados com o entrecho das publicações. O mesmo motivo determinou, também, a diminuição da vaga me-

morialística que assolou o mercado editorial brasileiro tão logo reapareceram os banidos pelo regime militar durante os anos de 1968 e 1973.

Se a «sacanagem» já não vende como antes — tanto que, de acordo com o proprietário de banca ouvido, alguns títulos até desapareceram de circulação — o amor desenhado com as tintas do açúcar continua em alta na preferência das leitoras. Desde as mais maduras até as adolescentes sequeiosas de verem os sapos metropolitanos transformados em príncipes de além-mar.

Hoje é possível constatar que as fotonovelas, se continuam ainda rendendo boas quantias para quem as edita, vêem o seu espaço abocanhado mais e mais por um tipo de publicação intermediária entre o livro e a revista.

Atende por nomes quase sempre sofisticados — «Bianca», «Bárbara», «Júlia» — e difere das revistas de fotonovelas exatamente pela ausência de fotografias. A exceção é a capa, onde uma estampa colorida ilhada por detalhes de cores suaves — rosa, verde, azul — dá o tom do que se lerá em seguida.

Um enredo em tudo semelhante o das fotonovelas: mocinhas grávidas abandonadas, ingênuas exploradas pelo vilão, solteironas empenhadas na felicidade dos outros e — indefectível — um misto de Casanova e Hobin Hood que sempre irrompe para premiar os bons e castigar os maus.

A fórmula funciona tanto que esse é o produto mais vendido também nos sebos especializados no comércio de revistas usadas. Num deles, o de Carlos Alberto de Lima — que está sempre mudando de localização desde que permaneça nas proximidades do Centro Comercial do Alecrim — havia uma pilha considerável onde as júlias, bárbaras e biancas esperam a hora de habitar a fantasia dos sonhadores. Ele diz que chega a vender até vinte revistas por semana, a preços que variam de acordo com a data e o estado de conservação da publicação.

Um bom modo de ganhar a vida, percebe-se: ajudar as pessoas a sonharem mais. Ainda que não da forma mais saudável. E que é, de resto, uma indicação de que o leitor médio desta cidade prefere mesmo é «ler» os trejeitos e emoções despejadas em todos os lares, durante três ou quatro horários por dia, diretamente da Central Globo de Novelas. □

OLGA DE MATTOS

**ECONOMIZE
COMPRANDO
NO ARMAZÉM
PARÁ**



Hoje, você quando pensa em construir, reformar, ampliar, a primeira idéia que ocorre é como gastar pouco e ter um material de qualidade. Então a solução aparece com o nome do **ARMAZÉM PARA**. Procure nos seguintes endereços: Loja 1, Av. Antônio Basílio, 180; Loja 2, Rua Almino Afonso, 40 e Loja 3, Av. Prudente de Moraes, 2007 ou pelo PABX 223-4977. Em cada uma delas, você vai encontrar uma empresa preocupada com o seu problema, pronta e em condições de lhe atender, dando orientação quanto a aquisição e aplicação do produto ideal para o seu caso, em particular. **ARMAZÉM PARA** mantém à disposição de seus clientes, uma equipe especializada, em condições de orientar e fornecer produtos de qualidade a *preços sem igual* na praça. Nosso slogan confirma a tradição — **ARMAZÉM PARA — O MUNDO BARATO DA CONSTRUÇÃO.**

**ARMAZÉM
PARÁ**

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

AGENDA DO EMPRESÁRIO



RN/ECONÔMICO mantém atualizados os índices, taxas e percentuais que permitem o acompanhamento dos principais indicadores e as variações da economia no País, que são úteis não somente para o empresário, mas para todas as pessoas que precisam dessas informações.

ORTN		
Agosto	Cr\$ 14.619,90	194,52%
Setembro	Cr\$ 16.169,61	200,22%
Outubro	Cr\$ 17.867,00	202,96%

UPC	
(outubro-dezembro)	Cr\$ 17.867,00
No trimestre	34,798%
No ano	202,9%

ALUQUÉIS	
Semestral	
Outubro	56,8%
Novembro	57,04%
Anual	
Outubro	152,47%
Novembro	153,23%

REAJUSTE SALARIAL	
Faixa Salarial	Reajuste
De 97.176 a 291.528	1,6840
De 291.529 a 680.232	1,5470 + 39.881,03
De 680.233 a 1.457.640	1,4104 + 132.936,76
Acima de 1.457.640	1,3420 + 232.639,34

INPC	
Agosto	7,13%
6 meses	73,8%
(Reajusta os salários de outubro)	
Setembro	9,88%
6 meses	71,3%
(Reajusta os salários de novembro)	
12 meses	191,54%

INFLAÇÃO	
Agosto	Setembro
10,6 (15.458,7)	10,5 (17.083,3)
No ano 114,3%	136,8%
12 meses 219,3%	212,9%

IPC (Índice de Preços ao Consumidor)	
Setembro	
10,2%	
No ano 132,3%	
12 meses 195,7%	

IPC (NATAL)	
Setembro	Variação percentual
Índice de preços	10,88%
Alimentação	14,63%
Despesas pessoais	4,72%
Habitação	0,44%
Bens duráveis	20,96%
Transportes	4,34%
Vestuário	12,01%
Educação	0,48%
Saúde	7,77%

ICC (Índice de Custo de Construção)	
Agosto	Setembro
27,6% (12.226,1)	5,6% (12.910,9)
No ano 132,4%	145,5%
12 meses 212,8%	203,3%

MVR (Maior Valor de Referência)	Cr\$ 48.751,90
Salário Mínimo	Cr\$ 97.176,00

CORREÇÃO CAMBIAL		
Agosto	Setembro	Outubro
6,382%	6,915%	7,078%
No ano 106,027%	129,009%	153,422%
12 meses 208,414%	221,203%	219,716%

CADERNETA DE POUPANÇA (RENDIMENTOS)	
Agosto	10,851%
Setembro	11,153%
Outubro	11,052%

INDICATIVOS AGROPECUÁRIOS	
Preço da Tonelada da Cana (Região Nordeste)	
Posta na esteira	Cr\$ 38.398,40
Preço líquido	Cr\$ 28.599,49
Preços Diversos Para o Produtor	
Litro de Leite (CLAN) — Bruto	Cr\$ 500,00
Litro de Leite (CLAN) — Líquido	Cr\$ 487,50
Arroba de Gado Bovino (Boi em pé)	Cr\$ 60.000,00
Ovino de Ovino ou Caprino	Cr\$ 3.200,00
Ovino do Suíno	Cr\$ 3.500,00
Custo Médio da Diária no Campo	Cr\$ 3.240,00

Fonte: IDEC

Fonte: SERTEL S/C LTDA. — Dados válidos para o RN

Devagar com o preconceito

OLGA DE MATTOS

Para desespero de muitos, principalmente dos intelectuais que gravitam em torno do circo do futebol, o ludopedista brasileiro sempre foi avesso a engajamentos políticos, tanto no contexto social como um todo, quanto no microcosmo do seu reinado circense. Pouquíssimas vezes a regra foi afrontada, o que ocasionou o surgimento do mito do jogador de futebol como um ignorante, uma besta qualquer. Um alienado, para sermos eufemísticos.

A situação reflete a violência do conservadorismo que preside a relação clube/empregado, exatamente a mesma relação apontada pela organização social do País como um todo. Ou seja: empresa/operário, classe dominante/classe dominada. Sociologismos à parte, a verdade é que os poucos jogadores que ousaram mergulhar nas águas da exceção, foram «convenientemente» punidos, embora suas atitudes libertárias respondessem muito mais ao chamamento de uma consciência profissional do que propriamente ideológica. Creio que me fiz entender.

O primeiro grande mártir do circo do futebol usava barbas e cabelos crescidos e fez da luta para ser senhor do seu passe um símbolo de resistência ainda hoje louvado. Pagou caro por isso, Afonsinho; discriminado, viu encerrada de forma prematura uma carreira construída com um jogo elegante, cerebral, que não cabia na camisa da Seleção Nacional apenas pela largueza da sua visão. Depois do Olaria e do Santos, passou alguns anos alijado do mercado. Voltou em 1980, jogando durante alguns meses no Fluminense, do Rio de Janeiro. Não dava mais.

Depois de Afonsinho, um jogador mineiro seguiria praticamente os mesmos passos da sua via-crucis. Senhor de uma capacidade técnica incontestável, o centroavante Reinaldo ainda hoje padece os males da discriminação política. Militante do Partido dos Trabalhadores, viu invocadas as suas contusões como desculpa para seguidos «esquecimentos» e cortes da Seleção Nacional. Um engodo facilmente desmentido pela sucessão de partidas jogadas com a camisa do clube, o Atlético, de Minas Gerais.

Como tais exceções bem exemplificam, nunca houve um espírito classista que arregimentasse o jogador de futebol para as trincheiras da contestação na forma solidária ansiada. Apenas com a tênue brisa da cha-

mada «abertura política» foi possível à categoria deslanchar experiências que legitimam hipóteses mais otimistas para o futuro. Veja-se experiência da Democracia Corintiana, um movimento organizado que conseguiu retirar todo um time de futebol do marasmo passivo que até então caracterizava — como ainda caracteriza — o espírito do profissional desse esporte.

Os jogadores corintianos conseguiram acabar com a concentração obrigatória antes dos jogos, instalando um espírito de porosidade que funcionava graças à nova mentalidade administrativa personificada pelo diretor de futebol do clube, sr. Adilson Monteiro Alves. Um sociólogo de pouco mais de trinta anos. O fato aí não deve merecer análises precipitadas que o apontem como mera coincidência; mais que isso, fica claro o quanto é necessário ao futebol brasileiro o afastamento dos patriarcas encastelados à sombra de dogmas e preconceitos que travancam a modernização do circo.

Enquanto permanecerem os atuais rostos, ocorrerão lances desagradáveis como os presenciados durante os dois anos de sobrevivência da Democracia Corintiana. Durante todo o período, o cotidiano dos jogadores era assombrado pelo espectro dos conservadores, sequiosos de boicotar o trabalho desenvolvido por todos. Só não o conseguiram porque a torcida do clube, satisfeita com os dois títulos estaduais conquistados, tomou-se de amores pelo que diziam jogadores como Sócrates, Casagrande e Vladimir.

Com a saída de Sócrates (para a Itália) e de Casagrande (emprestado para o São Paulo), o pique da Democracia Corintiana arrefeceu. Mesmo assim, conscientes do seu papel histórico, os que ficaram tentam tocar o projeto liberalizante. Que é, indiscutivelmente, uma moeda de duas faces. A primeira, evidencia algum avanço da mentalidade média do jogador brasileiro; a segunda, mais crua, indica que ainda é preciso muito mais que isso para despertar o animal político adormecido no cérebro de uma categoria que, dizem os mais cegos, é responsável pela sonolência de uma população inteira. Pura balela, esta história de que o futebol é o ópio do povo. Ou alguém aí esquece que a primeira faixa pedindo anistia para os presos políticos e exilados brasileiros apareceu durante um jogo de futebol em São Paulo?

RN/ECONÔMICO

EIS AS NOSSAS REFERÊNCIAS:

Alpargatas Confeções Nordeste S/A — Sperb do Nordeste S/A
Bompreço S/A — Supermercados do Nordeste
Confeções Guararapes S/A — Petrobrás — Petróleo Brasileiro S/A
Bandern — Banco do Estado do Rio Grande do Norte S/A
Radir Pereira & Cia. — A Sertaneja — Caixa Econômica Federal
Apern - Associação de Poupança e Empréstimo Riograndense do Norte
Cosern — Caern — Telern — Auto Locadora Dudu Ltda.
Sulfabril Nordeste S/A — Texita — Cia. Têxtil Tangará
Tecelagem Texita S/A — Galvão Mesquita Ferragens S/A
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Restaurante Xique-Xique — Nemésio Restaurante
Catre — Viação Riograndense Ltda. — Dentern Ltda.
Transportadora São Cristóvão Ltda. — Joaquim Alves Flor & Cia.
Motéis Tahiti — Dumbo Publicidades e Promoções Ltda.
Herbus Confeções S/A — Eldorado Administradora de Consórcio
Empresa Jornalística Tribuna do Norte Ltda. — Editora O Diário S/A
Apec — Associação Potiguar de Educação e Cultura
Souto Engenharia Com. Ind. Ltda. — Engarramento Murim Ltda.
Eit — Empresa Industrial Técnica S/A — Dianorte/Diafil
Cirne — Cia. Industrial do Rio Grande do Norte

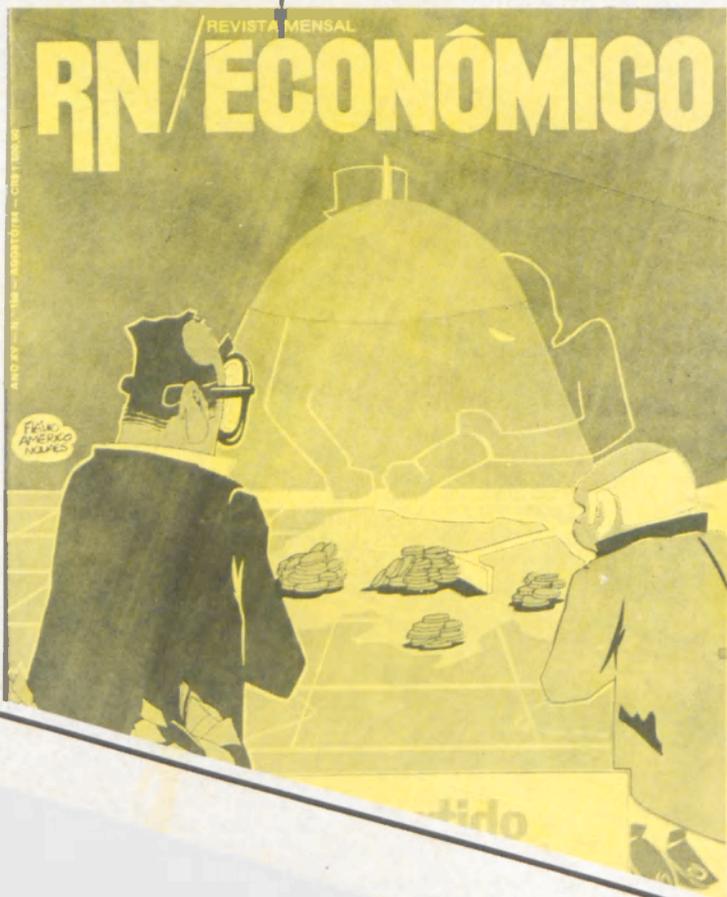
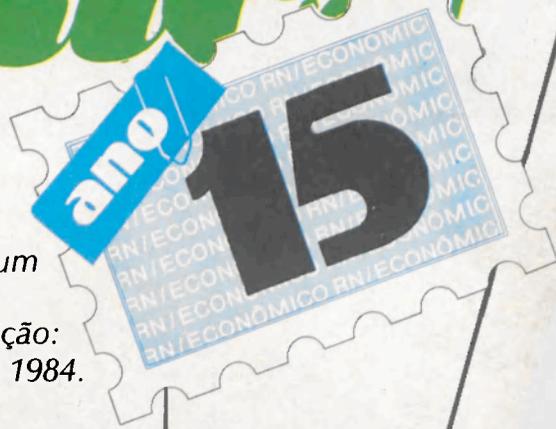
RN/ECONÔMICO

Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta — Natal-RN
Fones: (084) 222-4722 e 222-8517

EDIÇÃO HISTÓRICA

15 anos escrevendo e documentando o desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Em novembro de 1984 estará circulando a Edição Histórica de 15 Anos de RN/Econômico numa retrospectiva dos principais acontecimentos sócio-econômicos desta área do Nordeste. A presença de sua empresa nessa Edição Histórica da Revista RN/Econômico é

muito importante. Faça sua reserva de espaço através de sua agência de publicidade ou de um contato . Data de fechamento da Edição: 12 de novembro de 1984.



REVISTA MENSAL
RN/ECONÔMICO
 Ruá São Tomé, 421 — Tel.: 222-4722
 CEP 59.000 — Natal-RN